

SOMO



PESQUISA
BRASIL



Fábricas de acidentes

condições de trabalho insalubres e
inseguras nos frigoríficos brasileiros

Índice

| | |
|---|----|
| Sumário executivo | 3 |
| 1. Introdução | 6 |
| Objetivos e abordagem..... | 8 |
| Estrutura do relatório..... | 11 |
| 2. A indústria global da carne | 12 |
| Principais fatos e cifras..... | 13 |
| As condições dos trabalhadores da indústria da carne no mundo | 14 |
| Saúde e segurança no trabalho..... | 16 |
| 3. A indústria brasileira de carne bovina | 17 |
| Um pilar da economia | 18 |
| Os reis gado..... | 19 |
| Desmatamento, mudanças climáticas e trabalho escravo | 21 |
| 4. Fábricas de acidentes | 24 |
| O problema do setor frigorífico | 26 |
| Frio..... | 30 |
| Ruído | 31 |
| Amônia | 32 |
| Problemas de saúde relacionados a gênero..... | 33 |
| Covid-19 | 34 |
| Chorava de dor e me colocavam para trabalhar..... | 35 |
| Subnotificação | 37 |
| Driblando a fiscalização | 38 |
| Falhas nas políticas de conformidade | 39 |
| Insalubridade | 40 |
| Opressão e retaliação | 40 |
| 5. Relatos do chão de fábrica | 42 |
| Resultados das entrevistas | 43 |
| A JBS em Rondônia..... | 43 |
| As plantas da JBS em Vilhena, São Miguel do Guaporé e Pimenta Bueno | 46 |
| A Marfrig em Mato Grosso do Sul | 50 |
| 6. Discussão final e recomendações | 53 |
| Principais questões..... | 54 |
| Propostas..... | 57 |
| Recomendações a empresas e autoridades brasileiras..... | 59 |



Crédito: © Isabel Harari/Repórter Brasil

Sumário executivo

O Brasil é um **centro global da indústria da carne**. O país é um grande produtor, o maior exportador e sede de algumas das **maiores empresas do setor**, incluindo a JBS, a maior do mundo. Mais de 600 mil brasileiros trabalham no setor de frigoríficos e, todos os anos, abatem **mais de 6 bilhões de animais**, entre frangos, porcos e bois.

A produção de carne é um pilar da economia brasileira. Só a cadeia de valor da carne bovina é responsável por 10% do PIB do país. No entanto, embora o setor prospere economicamente, a pecuária está relacionada com práticas problemáticas, como imensas emissões de gases de efeito estufa, desmatamento para estabelecer pastagens, expropriação de terras de povos indígenas e casos de trabalho análogo à escravidão.

Este relatório trata do setor de frigoríficos que, junto à pecuária, é a base da indústria da carne do Brasil, mas muito menos pesquisado. Foram entrevistados 63 trabalhadores e ex-trabalhadores, bem como especialistas do setor, além da realização de pesquisas documentais. Elas revelam que o local de trabalho, a saúde e a segurança no abate de gado e no processamento da carne bovina são, assim como na pecuária, altamente problemáticos, inclusive nas duas maiores empresas brasileiras do setor, a JBS e a Marfrig.

O processamento de carnes é uma atividade arriscada. Os trabalhadores têm que manusear ferramentas perigosas, como facas e serras, usar a força para cortar partes ou, por vezes, animais inteiros, fazer movimentos curtos e rápidos repetidamente para separar os cortes que chegam nas mesas em todo o mundo. Durante longas jornadas de trabalho em temperaturas extremas, os trabalhadores dos frigoríficos sofrem pressão constante para cumprir metas de produção elevadas, por salários baixos.

Em 2019, os empregados da indústria da carne sofreram quatro vezes mais acidentes de trabalho e tiveram dez vezes mais doenças profissionais do que o trabalhador brasileiro médio. Especificamente no setor de carne bovina, quase 5 mil acidentes foram notificados em 2021, incluindo 13 mortes, para uma força de trabalho de 137 mil pessoas. Comparada às estatísticas internacionais disponíveis, a incidência de acidentes não fatais e fatais nos frigoríficos brasileiros também é elevada.

Segundo os trabalhadores entrevistados para este relatório, o trabalho é “física e mentalmente exaustivo” devido ao “ritmo frenético de produção”. Há um “ruído insuportável”. “Barulho de máquinas e de pessoas batendo caixas de carne congelada nas estruturas de inox” e “ficava um zumbido depois”. Vítimas de acidentes falam de “dores de cabeça insuportáveis”, “dor no peito, falta de ar” e ansiedade. Os trabalhadores relatam acidentes rotineiros, incluindo cortes em dedos, mãos, braços e boca, máquinas atingindo seus pés ou prendendo seus joelhos, queda de bobinas, e facas e ganchos atingindo colegas.

Há relatos de pessoas que contraíram infecções urinárias por não poder ir ao banheiro quando precisavam, ou não informaram estar doentes ou mesmo lesionadas por medo de perder o emprego. Os trabalhadores da carne contam que tomam analgésicos para “costas, ombros, braços” e precisam de fisioterapia. Eles descrevem feridas infectadas, dizem que “choram de dor”, que tem as “mãos vermelhas e machucadas” por causa do frio, e dores na pele e nos olhos devido à exposição a produtos químicos, apesar de usarem os equipamentos de proteção fornecidos pela empresa.

O Brasil possui uma lei específica para prevenir e tratar problemas de saúde e segurança em frigoríficos. Adotada em abril de 2013, a Norma Regulamentadora 36 (conhecida como NR-36) veio depois de um longo período em que os frigoríficos foram muito criticados por submeter os trabalhadores a condições inseguras e insalubres. No

entanto, uma década depois, as nossas conclusões mostram que as questões de saúde e segurança ainda são motivo de preocupação.

A grande maioria dos empregados (84%) entrevistados nos principais frigoríficos, como JBS e Marfrig, diz ter doenças relacionadas ao trabalho, e muitos deles (40%) sofreram acidentes de trabalho. Quase todos os entrevistados (93%) relatam desconforto térmico, a grande maioria (87%) faz horas extras, e menos da metade faz as pausas obrigatórias, sendo que há consenso entre especialistas de que esse fator podem levar a mais acidentes e doenças.

As autoridades brasileiras do setor trabalhista e outros especialistas confirmam a ocorrência e a gravidade dos problemas de saúde relacionados ao trabalho descritos pelos trabalhadores. Para alguns desses problemas de saúde e segurança, os trabalhadores procuram garantir seus direitos na justiça, e muitas ações já foram julgadas em favor deles.

As entrevistas revelam que os frigoríficos brasileiros não tomam as medidas necessárias para reduzir significativamente os riscos de acidentes de trabalho e doenças profissionais. Parte dos entrevistados afirmam não ter equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados (26%), não fazer pausas obrigatórias (52%) e estar expostos a vazamentos de amônia (65%).

Diante das conclusões do estudo, a JBS e a Marfrig enfatizam que cumprem a lei e afirmam não reconhecer as condições problemáticas que encontramos em suas fábricas.

Embora os frigoríficos neguem publicamente ter problemas de saúde e segurança no local de trabalho, a indústria não mede esforços para encobrir quaisquer problemas e esvaziar soluções estruturais. As empresas subnotificam os acidentes, enganam a fiscalização do governo, promovem um clima de medo para impedir que os trabalhadores reivindiquem os seus direitos e punem quem o faz.

A indústria também se opõe à regulamentação para melhorar as condições no local de trabalho, como o fim das horas extras, e apoia tentativas para enfraquecer a regulamentação específica para o setor em matéria de saúde e segurança.

As principais recomendações deste relatório para melhorar a saúde e a segurança nos frigoríficos do Brasil são que as empresas cumpram integralmente a NR-36 e que o governo brasileiro fortaleça a fiscalização. O cumprimento das normas deve incluir uma melhor comunicação de acidentes e investimento no diálogo com os sindicatos. Do lado do governo, são necessários mais fiscais e mais fiscalização, e deveria haver mais inspeções sem aviso prévio. Também recomendamos reformas da legislação trabalhista do país para reduzir o tempo de trabalho como um todo – incluindo horas extras – em setores como o dos frigoríficos, que oferece os maiores riscos para a saúde e segurança.

1. Introdução

Em todo o mundo, a pecuária industrial gera **grandes perdas de biodiversidade, degradação ambiental e desmatamento**. A atividade tem impactos prejudiciais sobre o bem-estar de animais, trabalhadores e comunidades, e é responsável por entre 11% e 20% de todas as **emissões de gases de efeito estufa induzidas pelo ser humano em nível global**.

Crédito: ©Jai Mansson.



Em 18 de abril de 2013, após mais de uma década de debate, o governo brasileiro adotou uma regulamentação específica para saúde e segurança em frigoríficos.¹ Trata-se da Norma Regulamentadora 36 do Ministério do Trabalho e Emprego, conhecida como NR-36.² O setor já havia sido alvo de fortes críticas, inclusive pelo ritmo frenético de trabalho imposto pelos empregadores.³ Nos dez anos que passaram desde a implementação da NR-36, a indústria frigorífica do Brasil cresceu de forma constante, exigindo a contratação de mais trabalhadores e a manutenção do ritmo acelerado de produção.⁴

A pesquisa feita para este relatório trata da saúde e da segurança no local de trabalho na indústria de processamento de carne bovina do Brasil. Em termos de receitas e contribuição para o PIB nacional, é o segmento mais importante da indústria de carne no país.⁵ As polêmicas internacionais em torno da produção brasileira, principalmente na última década, concentraram-se na pecuária devido aos muitos relatos de grilagem de terras, desmatamento ilegal e trabalho escravo. No entanto, os impactos negativos da indústria da carne depois que o gado sai das fazendas são menos conhecidos, e há menos pesquisas independentes sobre o tema. É isso que este relatório pretende mudar.

Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil



Objetivos e abordagem

Este relatório do programa de Pesquisa da Repórter Brasil e da organização dos Países Baixos SOMO (Centro de Pesquisa sobre Corporações Multinacionais), pretende avaliar as condições de trabalho no processamento de carne bovina pelas principais empresas brasileiras e propor recomendações para melhorá-las. Nosso principal foco de investigação incide sobre a prevalência e a natureza dos problemas de saúde e segurança que afetam os trabalhadores. Discutimos as conclusões no contexto da primeira década desde a aprovação da NR-36, elaborada especificamente para melhorar a saúde e a segurança no setor frigorífico. Outros focos são os salários e a liberdade de organização.

O programa de Pesquisa da Repórter Brasil realizou uma investigação composta por entrevistas semiestruturadas com empregados e ex-empregados de três frigoríficos em dois estados brasileiros. Também entrevistamos outros atores envolvidos no setor, incluindo representantes do Ministério do Trabalho e Emprego, procuradores do Ministério Público do Trabalho e sindicalistas, em busca de mais contexto e antecedentes, e para ter um melhor entendimento sobre os problemas apontados pelos trabalhadores.

Entrevistas com trabalhadores

Em abril de 2023, o programa de Pesquisa da Repórter Brasil entrevistou trabalhadores de sete plantas frigoríficas em dois estados brasileiros: Rondônia e Mato Grosso do Sul. A amostragem procurou incluir instalações dos maiores frigoríficos em áreas com diversos perfis de desenvolvimento social e econômico para captar possíveis variações nas condições de trabalho resultantes de diferentes mercados de trabalho locais (Quadro 1).

Quadro 1. Rondônia e Mato Grosso do Sul

O estado de Rondônia está localizado no noroeste do Brasil, na fronteira com a Bolívia no bioma Amazônia. Seu desenvolvimento é historicamente relacionado à ocupação da floresta, começando com a exploração da borracha, depois com o garimpo de ouro e, mais recentemente, com atividades agrícolas, principalmente a pecuária.⁶ Hoje em dia, a criação de gado é a principal causa de desmatamento na Amazônia.

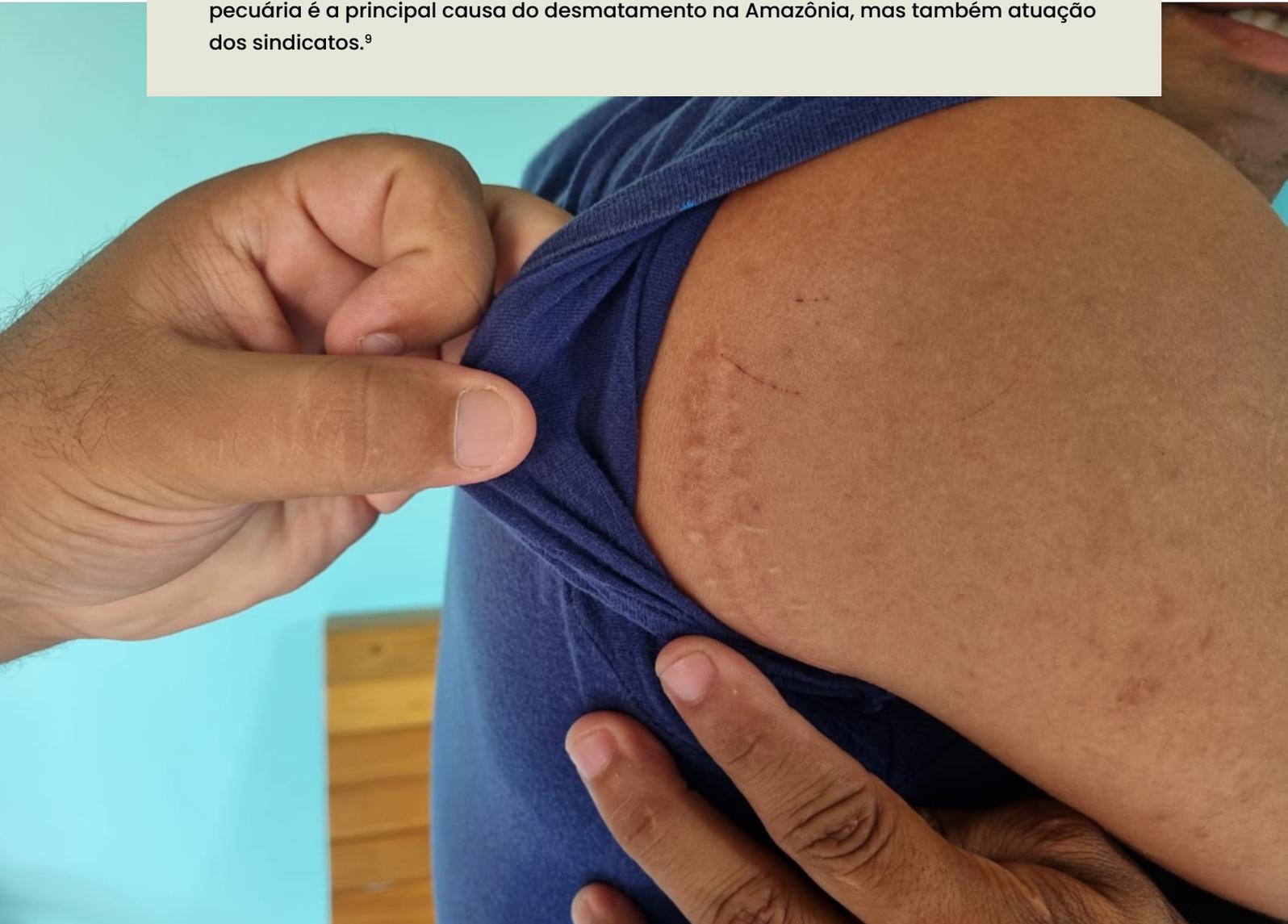
A amostra da nossa pesquisa incluiu três frigoríficos da JBS em Rondônia, nos municípios de Vilhena, São Miguel do Guaporé e Pimenta Bueno. Todas essas unidades têm histórico de comprar gado de fazendas desmatadas.⁷ A JBS é a maior empresa de processamento de carnes do mundo e a maior fabricante de alimentos do Brasil.

Além disso, no município de Ji-Paraná, também no estado de Rondônia, entrevistamos ex-empregados das fábricas de outras duas grandes empresas brasileiras de carne: a Marfrig, segunda maior processadora de alimentos do país (cuja fábrica de Ji-Paraná foi fechada em 2021), e a Distriboi. Incluímos as pesquisas

em Ji-Paraná no resultado geral, mas, para manter o foco nas maiores empresas e unidades ativas do Brasil, não as descrevemos de forma específica.

Também realizamos entrevistas no **estado do Mato Grosso do Sul**, região Centro-Oeste do Brasil, na fronteira com o Paraguai. No município de Bataguassu, que faz fronteira com São Paulo (o estado mais rico do país), a amostra incluiu duas plantas da Marfrig: a unidade de abate e a fábrica de hambúrgueres, considerada a mais moderna da empresa.⁸

Os biomas do Mato Grosso do Sul são o Cerrado, a Mata Atlântica e o Pantanal. A pecuária é a principal causa do desmatamento na Amazônia, mas também atuação dos sindicatos.⁹



Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil

As entrevistas com os trabalhadores incluíram perguntas sobre jornada de trabalho, salários, doenças, acidentes, atuação dos sindicatos e saúde e segurança. Além das perguntas abertas, algumas questões podiam ser respondidas com uma única palavra, como “Sempre”, “Frequentemente”, “Raramente” ou “Nunca”, mas sempre com a oportunidade de dar respostas mais detalhadas. Nos casos em que os entrevistados mencionaram questões de importância especial, fizemos entrevistas mais aprofundadas.

Amostragem de trabalhadores e condições das entrevistas

A Repórter Brasil obteve contatos dos trabalhadores com representantes sindicais locais e outros empregados contatados previamente. O contato inicial com os trabalhadores aconteceu presencialmente ou por telefone, mas também abordamos um pequeno número em frente a uma das fábricas plantas de abate incluídas na amostra.¹⁰

Para evitar que os frigoríficos tomassem conhecimento e intervissem de alguma forma as entrevistas foram realizadas em locais seguros, como nas casas dos trabalhadores, no carro e nas sedes locais dos sindicatos. Quando os trabalhadores não estavam disponíveis para encontros pessoais, aplicamos o questionário por telefone. Todas as entrevistas foram realizadas em condição de anonimato, mas ainda assim muitos se recusaram a participar por receio de que isso causasse problemas.

Comparamos as informações obtidas a partir dos depoimentos com as cifras coletadas em documentos, como processos judiciais e recomendações públicas, e complementamos e validamos as conclusões por meio de entrevistas com representantes de governos e outras partes interessadas.

Quadro 2. Detalhes da pesquisa



Estrutura do relatório

Após a introdução, o **Capítulo 2** traça um panorama da indústria global de carne. A primeira seção do capítulo apresenta informações e números importantes sobre os principais produtos de proteína animal e o comércio internacional, e descreve os principais países e atores em termos de produção e comércio. A segunda seção descreve as condições de trabalho na indústria em todo o mundo, enquanto a terceira trata de saúde e segurança no trabalho.

Como o Brasil é um produtor de carne relevante, o Capítulo 2 também inclui números e informações específicos sobre as condições de trabalho no país, inclusive no setor de carne bovina.

No **Capítulo 3**, o foco se afasta da indústria global para se concentrar no setor de processamento de carne bovina no Brasil. A primeira seção fornece mais informações sobre as características da produção e o comércio de carne bovina e sua importância para a economia nacional. A segunda analisa os principais protagonistas brasileiros e globais da indústria. A terceira seção desenvolve uma breve discussão sobre os problemas associados à indústria desmatamento, emissões de metano (mudanças climáticas) e trabalho escravo.

O **Capítulo 4** discute com mais profundidade as condições de trabalho na indústria de carne bovina brasileira, apresentando os resultados da nossa pesquisa sobre os aspectos mais importantes da saúde e da segurança no local de trabalho. Os resultados das entrevistas com trabalhadores e outros atores envolvidos constituem a base para a discussão de cada tema, mas o capítulo também apresenta e examina estatísticas e outras conclusões obtidas a partir de pesquisas documentais. As seções finais do capítulo discutem fatores estruturais do setor, começando com a subnotificação de acidentes e doenças no local de trabalho, que, juntos, impedem as autoridades (e as empresas) brasileiras de lidar adequadamente com a atual situação, incluindo problemas de saúde e segurança.

No **Capítulo 5**, apresentamos e discutimos de forma mais abrangente e detalhada os resultados da pesquisa, analisando os impactos sobre a saúde e a segurança dos trabalhadores brasileiros da carne bovina em vários frigoríficos de grande porte onde realizamos entrevistas.

O **Capítulo 6**, que encerra o relatório, analisa e discute as conclusões dos diferentes capítulos, apresenta conclusões, identifica formas de enfrentar áreas problemáticas na indústria frigorífica e faz recomendações para empresas e autoridades brasileiras.

2. A indústria global da carne

Este capítulo apresenta **um breve panorama da indústria global da carne** como contexto para nossa discussão sobre o setor no Brasil.

Crédito: ©Jai Mansson



Principais fatos e cifras

De 2020 a 2022, a produção global de carne foi composta por 20% de bovinos, 40% de aves, 34% de suínos e 5% de ovinos. Segundo projeções, essa produção deve aumentar 12% até 2032 com a participação da carne bovina crescendo 9%, a de aves, 14%, a de suínos, 11%, e a de ovinos, 15%.¹¹

Os três maiores produtores de carne bovina do mundo são os Estados Unidos, com 22% da produção em 2022, o Brasil, com 17%, e a China, com 12%. Em termos de exportações, o Brasil lidera com 24% de todo o comércio em volume, à frente de outros grandes exportadores, como Estados Unidos (13%) e Austrália (10%).¹²

Na produção e na exportação de carne de aves, a classificação é semelhante. Em 2022, os Estados Unidos eram o maior produtor e o Brasil, o segundo, mas no caso das exportações, as posições se invertem.¹³

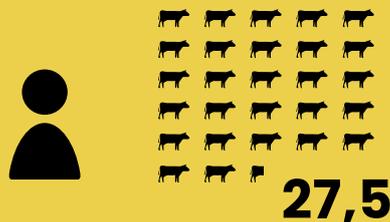
A China é o maior produtor de carne suína, gerando mais que o dobro do volume da União Europeia, que ocupa o segundo lugar, e mais de dez vezes o volume do Brasil, que vem em quarto, atrás dos Estados Unidos. A União Europeia lidera as exportações mundiais de carne suína, à frente dos Estados Unidos e do Brasil.¹⁴

Em termos gerais, o Brasil é o principal exportador de carne do mundo, bem como um dos maiores produtores.¹⁵ O setor frigorífico do país emprega mais de 600 mil trabalhadores,¹⁶ que abatem e processam mais de 6 bilhões de animais anualmente.¹⁷

por dia



por pessoa



Gigantes da carne

Um pequeno grupo de grandes empresas do Brasil e dos Estados Unidos domina o mercado global de carne bovina. Em termos de capacidade diária de abate, as quatro maiores são JBS (Brasil) com 75 mil cabeças de gado, Marfrig (Brasil) com 30.100, Minerva (Brasil) com 29.540 e Tyson (EUA) com 22.142.¹⁸

A JBS também lidera a produção global de carne de aves, com 4,4 bilhões de animais abatidos anualmente, à frente do 1,9 bilhão da Tyson e de 1,7 bilhão da brasileira BRF.¹⁹

A China abriga duas das três maiores empresas de produção de carne suína do mundo. Em 2022, as operações da Muyuan Foodstuff envolveram 2,8 milhões de porcas reprodutoras, produzindo 61 milhões de porcos, dos quais 7,4 milhões foram abatidos em 2022. Com base no número de porcas, o Grupo Wens, da China, vem em segundo lugar (1,4 milhão) e o Grupo Smithfield Foods/WH dos Estados Unidos está em terceiro (1,2 milhão).²⁰



As condições dos trabalhadores da carne em todo o mundo

Crescendo 1,2% ao ano,²¹ a indústria global da carne enfrenta desafios importantes, incluindo condições de trabalho extremamente precárias. Jornadas exaustivas, salários baixos, ambientes insalubres, regimes de trabalho precários, exploração e assédio fazem parte da rotina nas fábricas do mundo todo (Quadro 3).

Quadro 3. Condições de trabalho problemáticas no processamento de carne

Nas últimas duas décadas, vários relatórios documentaram condições de trabalho problemáticas e violações dos direitos trabalhistas em frigoríficos em nível internacional. Sobre a indústria nos Estados Unidos, por exemplo, a Human Rights Watch publicou *Blood, Sweat, and Fear: Workers' Rights in U.S. Meat and Poultry Plants* in 2005,²² 11 anos depois foi publicado o relatório *No Relief: Denial of Bathroom Breaks in the Poultry Industry*, da Oxfam.²³

A Repórter Brasil documentou a situação dos trabalhadores da carne no país em *Carne, Osso* (2011).²⁴ Também foram publicados *Brazil's poultry industry* (2016), *Brazilian meat and the EU-Mercosur agreement* (2021),²⁵ 26 e *"Brazilian union sues JBS over alleged exploitation of chicken Workers"* (2023).²⁶

Os documentos sobre a situação na União Europeia e no Reino Unido incluem o relatório da Federação Europeia dos Sindicatos da Alimentação, Agricultura e Turismo (EFFAT) *Hungry for fairness: raising standards in the meat sector. EFFAT's 10 demands for action at EU level* (2020),²⁷ *Working to the bone: Experiences of Migrant workers in the Meat Sector in Ireland* (2020), do Migrant Rights Centre Ireland's,²⁸ e a reportagem do jornal *The Guardian*, *"The whole system is rotten": life inside Europe's meat industry'* (2021).²⁹

Na Ásia, diferentes relatórios documentaram a terrível situação da indústria de processamento de aves na Tailândia, incluindo *Employment available in exchange for debt: Working conditions in the Thai broiler industry* (2015),³⁰ da Finnwatch.

A covid-19 e o setor da carne

Durante a pandemia de covid-19, os frigoríficos foram identificados como vetores de propagação do vírus (Quadro 4). O surto de coronavírus pôs em evidência as difíceis condições de trabalho e de vida enfrentadas por muitos trabalhadores do setor.

Estudos concluíram que empregados de frigoríficos trabalhando em condições de temperatura mais baixa e/ou ventilação reduzida apresentavam riscos relativamente maiores de contrair covid-19.³¹ Uma revisão das pesquisas sobre surtos de coronavírus em locais de trabalho mostra que os frigoríficos reúnem a maioria dos fatores associados a elevados riscos de contágio. Entre eles, “locais de trabalho com aglomerações, proximidade entre os trabalhadores, baixo índice de uso de equipamentos de proteção individual, áreas de descanso compartilhadas, trabalho noturno, alojamento compartilhado e trabalho em vários locais diferentes, terceirização, escassez de pessoal”.³²

Na Alemanha, o papel da indústria da carne na pandemia serviu de catalisador para a regulamentação destinada a melhorar as condições de trabalho, proibindo a terceirização, as transferências temporárias e o trabalho temporário.³³

Quadro 4. O trabalho em frigoríficos como vetor do coronavírus nos Estados Unidos e no Brasil

No início da pandemia de covid-19, pesquisadores dos Estados Unidos concluíram que a existência de grandes instalações de processamento de carne em um distrito (county) aumentava os índices de contágio em 110% em comparação com distritos sem essas indústrias.³⁴ Grandes instalações de processamento de carne de suínos e aves aumentaram os índices de transmissão em 160% e 20%, respectivamente. Os pesquisadores estimam que 334 mil casos nos Estados Unidos possam ser atribuídos aos frigoríficos, com custos associados de mortalidade e morbidade superiores a US\$ 11,2 bilhões.

Muitos milhares de trabalhadores da carne nos Estados Unidos contraíram o coronavírus, e pelo menos 250 morreram.³⁵ Apesar do crescente número de casos, executivos de grandes empresas de carne do país pressionaram e conseguiram manter as fábricas abertas, de acordo com uma investigação do Congresso.³⁶

Em agosto de 2020, as autoridades brasileiras descobriram que a JBS estava racionando as máscaras de proteção dos empregados e obrigando as pessoas contaminadas a continuar trabalhando nas fábricas.³⁷ Mais de 30 ações foram movidas por sindicatos e pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) em decorrência de problemas nos frigoríficos brasileiros durante a pandemia.³⁸ O MPT ordenou que 80 empresas tomassem medidas específicas para impedir a propagação do vírus.³⁹

Saúde e segurança no trabalho

A saúde e a segurança são uma das principais preocupações dos trabalhadores na indústria global da carne.⁴⁰ O Migrant Rights Centre Ireland (MRCI) constatou que quase 60% dos 151 trabalhadores pesquisados em 2020 haviam sofrido lesões durante o trabalho em frigoríficos irlandeses.

Estatísticas internacionais

Há pouca ou nenhuma estatística oficial recente e abrangente disponível sobre acidentes fatais e não fatais em frigoríficos em todo o mundo. Os órgãos de vários países publicam números sobre saúde e segurança em classificações mais amplas, como a indústria de transformação e a produção de alimentos, que incluem os frigoríficos mas sem desagregá-los por setor.

Na indústria de transformação dos Estados Unidos, por exemplo, a incidência de lesões em 2022 foi de 2,8% e a de acidentes fatais, de 0,0026%. Na União Europeia, a incidência de acidentes não fatais na indústria de transformação foi de 1,8% em 2021,⁴¹ enquanto a de acidentes fatais foi de 0,0016%.⁴² Na indústria de alimentos da União Europeia, a incidência de acidentes foi de 2,5%, com uma cifra semelhante à da indústria como um todo, em termos de acidentes fatais.

Entre as 21 grandes classificações de atividade econômica do Eurostat, a indústria de transformação é a quinta mais arriscada em termos de incidência de acidentes não fatais.⁴³ Entre as 112 categorias específicas, a produção de alimentos ocupa a 20ª posição.⁴⁴

No Brasil, estatísticas governamentais de 2019 mostram que os empregados de frigoríficos sofreram quatro vezes mais acidentes de trabalho e dez vezes mais doenças profissionais do que a média dos trabalhadores do país, mas tiveram 0,65 vez menos acidentes fatais.^{45,46} Entre 2012 e 2022, o setor frigorífico ficou em terceiro lugar entre mais de 670 atividades econômicas classificadas no Brasil em termos de incidência de acidentes.⁴⁷ Em 2021, a incidência nacional de acidentes em frigoríficos foi de 3,25%⁴⁸ e a de acidentes fatais foi de 0,0071%.⁴⁹

Na Irlanda, o MRCI concluiu que a subnotificação foi a causa das grandes discrepâncias encontradas entre a incidência de acidentes descrita por seus entrevistados e o que os empregadores notificaram.⁵⁰

Em 2022 e 2023 na Austrália, a Workplace Health and Safety Queensland (WHSQ) fez uma “campanha destinada a prevenir e minimizar o risco de lesões em trabalhadores que atuam no processamento de carne em locais de trabalho de alto risco, e aumentar a conformidade da indústria”. A WHSQ emitiu 142 notificações para cumprimento de normas em 48 instalações de processamento de carne fiscalizadas e dois autos de infração com multas, além de quatro notificações. A falta de prevenção adequada de riscos relacionados à operação e queda de equipamentos estava entre os casos de descumprimento de normas identificados com mais frequência em Queensland.⁵¹

3. A indústria brasileira de carne bovina

Neste capítulo, **concentraremos nosso foco** especificamente no setor de frigoríficos **de carne bovina no Brasil.**

Crédito: © Ministério Público do Trabalho



Um pilar da economia

No Brasil, o setor de carne bovina é uma indústria importante e crescente, tendo gerado US\$ 198 bilhões em 2022, ou 10% do PIB do país.⁵² Com base nas cifras disponíveis sobre os últimos cinco anos, a receita total da indústria cresceu 29% em dólares, enquanto o crescimento em reais foi de 71%, refletindo a desvalorização de 26% do real em relação ao dólar durante o período.⁵³

Embora a receita total tenha crescido vigorosamente, entre 2018 e 2022, a produção dessa indústria estagnou em cerca de 10,8 milhões de unidades de equivalente carcaça (*carcass weight equivalent, CWE*). Nesse período, o rebanho bovino cresceu 8,2%, enquanto o número de animais abatidos diminuiu 4,3% (Tabela 1). A indústria estima que a produção aumentará 18% na próxima década, principalmente como resposta ao crescimento da demanda interna.⁵⁴

Tabela 1. Principais cifras econômicas do setor de carne bovina brasileiro⁵⁵

| Indicador | Unidade | 2018 | 2019 | 2020 | 2021 | 2022 | 2021-22 | 2018-22 |
|--|--|-------|-------|-------|-------|---------|---------|---------|
| Receita total | Bilhões US\$ | 154,1 | 157,4 | 145,0 | 169,3 | 198,1 | 17% | 29% |
| | Bilhões R\$ | 597,2 | 618,5 | 747,0 | 913,1 | 1,020,0 | 12% | 71% |
| Produção | Milhões de CWE | 10,8 | 10,4 | 9,8 | 9,7 | 10,8 | 11% | 0,0% |
| Abatidos | Milhões de cabeças | 44,2 | 43,3 | 41,5 | 39,1 | 42,3 | 8,2% | -4,3% |
| Rebanho | Milhões de cabeças | 187,5 | 188,9 | 190,8 | 196,5 | 202,8 | 3,2% | 8,2% |
| Exportações | Milhões de toneladas equivalente carcaça | 2,2 | 2,5 | 2,7 | 2,5 | 3,0 | 20% | 36% |
| | Bilhões US\$ | 6,2 | 7,7 | 8,5 | 9,1 | 12,9 | 42% | 108% |
| | Bilhões R\$ | 24,1 | 30,1 | 44,0 | 49,3 | 64,5 | 31% | 168% |
| | Volume % | 20% | 24% | 28% | 26% | 28% | 7,8% | 36% |
| | Valor US\$ % | 4,0% | 4,9% | 5,9% | 5,4% | 6,5% | 21% | 62% |
| | Valor R\$ % | 4,0% | 4,9% | 5,9% | 5,4% | 6,3% | 17% | 57% |
| Receita dos frigoríficos ⁵⁶ | Bilhões US\$ | 37,3 | 36,6 | 34,7 | 40,8 | 48,6 | 19% | 30% |
| | Bilhões R\$ | 144,9 | 143,9 | 179,0 | 220,1 | 250,6 | 14% | 73% |
| Fatia de receita dos frigoríficos | Bilhões US\$ | 24% | 23% | 24% | 24% | 25% | 1,8% | 1,4% |
| | Bilhões R\$ | 24% | 23% | 24% | 24% | 25% | 1,9% | 1,3% |

Exportações

O recente aumento das exportações de carne bovina do Brasil ultrapassou, em valor, o crescimento da indústria nacional. As exportações chegaram a US\$ 12,9 bilhões em 2022, duplicando desde 2018 e crescendo 42% em relação a 2021. Ao contrário da produção global, as exportações também cresceram 36% em volume (Tabela 1).

Claramente, as exportações passaram a ser a fonte de receita da indústria. A fatia das exportações na produção total, em volume, aumentou de 20% em 2018 para 28% em 2022. Com um aumento de 62%, o valor das exportações na receita total da indústria de carne bovina, em dólares, foi ainda maior. O recorde de exportações se beneficiou dos preços do mercado internacional para a carne bovina brasileira, que têm aumentado continuamente desde 2018 e, principalmente entre 2020 e 2022.⁵⁷

A China é o maior mercado para a exportação de carne bovina do Brasil, e foi responsável por 55% das exportações do país em volume e 61% em valor em 2022.⁵⁸ Os outros principais destinos das exportações brasileiras de carne bovina naquele ano foram os Estados Unidos (6,9%) e a União Europeia (5,1%).

A fatia de valor dos frigoríficos

Os frigoríficos do Brasil são responsáveis por cerca de um quarto do valor agregado da indústria de carne bovina. Desde 2022, a participação do setor na receita total ficou atrás apenas do varejo, superando os criadores de gado.⁵⁹ A receita das exportações dos frigoríficos também cresceu mais rapidamente do que a da indústria em geral.

Os reis do gado

Os sucessivos recordes de receita quebrados pela indústria de carne bovina brasileira são impulsionados por três gigantes do setor: JBS S.A., Marfrig e Minerva Foods. Esses três megafrigoríficos estão entre as 15 maiores empresas do agronegócio brasileiro e respondem por 42% do gado abatido na Amazônia.^{60,61} Em agosto de 2023, a Minerva anunciou a compra de 16 unidades de produção da Marfrig, incluindo 11 fábricas no Brasil, levando a empresa a um volume de abate semelhante ao da JBS.^{62,63}

Financiamentos concedidos por bancos e fundos nacionais e internacionais permitiram que essas empresas crescessem nas últimas duas décadas e se tornassem importantes atores internacionais. A Corporação Financeira Internacional do Banco Mundial, por exemplo, injetou US\$ 85 milhões na Minerva em 2013.⁶⁴ Entre 2002 e 2019, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) concedeu mais de R\$ 20 bilhões (em valores corrigidos pela inflação) em empréstimos às três gigantes da carne. Desse total, R\$ 12 bilhões foram para a JBS, que se consolidou como a maior produtora de carnes e a segunda maior empresa de alimentos do mundo.⁶⁵

JBS

Com uma história de quase 70 anos, a JBS é uma multinacional brasileira, originária do estado de Goiás e hoje presente em mais de 20 países. A empresa tem capacidade para processar 75 mil cabeças de gado por dia em suas instalações em todo o mundo. Considerando apenas o Brasil, a capacidade de abate das 34 fábricas em operação era de pouco mais de 32 mil cabeças por dia em 2022.⁶⁶ As operações vão além do processamento de carne bovina e incluem aves, suínos e outros subprodutos da carne.⁶⁷



Marfrig

Até agosto de 2023, quando vendeu parte de seus ativos à Minerva, a Marfrig tinha capacidade de abater 30,1 mil cabeças de gado por dia em 20 abatedouros.⁶⁸ Ainda em 2023, o site da empresa informava que suas 16 unidades brasileiras podiam processar 11 mil cabeças de gado por dia.⁶⁹ Fundada em 2000,⁷⁰ a Marfrig é a maior produtora mundial de hambúrgueres e fornecedora de grandes redes de fast-food, como McDonald's e Burger King.^{71,72} A empresa também atua fora do Brasil e diversificou sua produção para incluir carne de ovelha e, mais recentemente, proteína vegetal.

Minerva

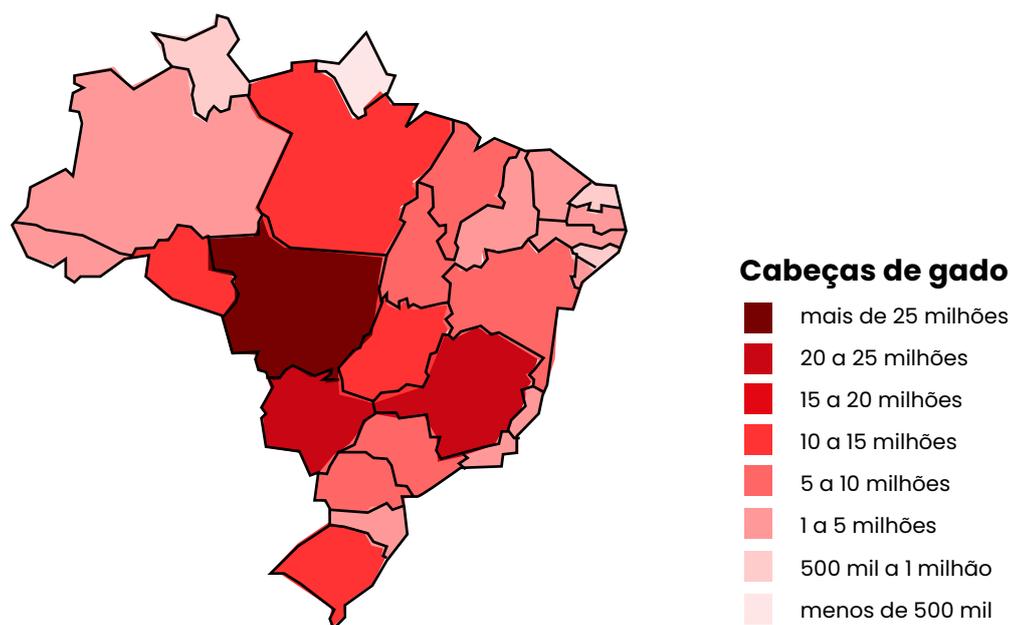
Fundada em 1992 em São Paulo, a Minerva afirma ser a maior exportadora de carne bovina da América do Sul.⁷³ Sua capacidade de abate na América Latina é de 30.740 cabeças de gado por dia, 39,8% das quais estão localizadas no Brasil (12.237).⁷⁴ A empresa também opera na Argentina, na Colômbia, no Paraguai e no Uruguai, e tem fábricas especializadas no processamento de carne de ovelha na Austrália.

Além das vendas, as três gigantes da carne bovina também atuam em segmentos de subprodutos do abate e em outros setores, como produção e comércio de couro, produtos de higiene e limpeza, colágeno, embalagens metálicas, biodiesel, produtos à base plantas e alimentos para animais de estimação.⁷⁵

Desmatamento, mudanças climáticas e trabalho escravo

A indústria frigorífica do Brasil enfrenta questões problemáticas em sua cadeia de produção. Entre os problemas mais prementes estão o desmatamento, as emissões de gases de efeito estufa na forma de metano expelido pelo gado e o trabalho escravo.

Rebanho bovino do Brasil por estado, 2021



Desmatamento

Em 2021, a área de pastagens do Brasil atingiu 163,1 milhões de hectares. Cinco estados respondem por mais de metade do rebanho bovino do país: Mato Grosso (com 14,5%), seguido por Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará.

Quase 100 milhões de cabeças, ou 43% do rebanho do Brasil, pastam em municípios da Amazônia Legal, composta pelos nove estados da bacia amazônica.⁷⁶ O avanço da pecuária sobre a maior floresta tropical do planeta é motivo de preocupação, uma vez que a atividade é a causa predominante do desmatamento no país e uma das principais razões de desmatamento ilegal com uso do fogo.⁷⁷

São Félix do Xingu é o município com o maior rebanho de gado do país e uma das áreas mais desmatadas.⁷⁸ Estima-se que 90% das áreas desmatadas na Amazônia Legal tenham se transformado em pastagens para o gado.⁷⁹

Mudanças Climáticas

Os impactos da pecuária vão além. No Brasil, o desmatamento é a principal fonte de emissões de carbono na atmosfera.⁸⁰ Em nível global, as emissões de CO₂ equivalente associadas à produção agroalimentar aumentaram 16% nos últimos 40 anos.⁸¹ O Brasil é o terceiro maior emissor de gases de efeito estufa provenientes de sistemas agroalimentares, atrás apenas de China e Índia.

Cerca de 32% das emissões globais de metano induzidas pelo ser humano provêm da pecuária, principalmente da digestão de ruminantes (“fermentação entérica”) e da gestão do estrume. O metano é um poderoso gás de efeito estufa, responsável por cerca de 0,5 °C do aumento médio anual da temperatura.⁸² As estimativas da participação da pecuária nas emissões globais de gases de efeito estufa variam de 11% a 20%.⁸³

Em 2021, o Brasil emitiu 2,4 bilhões de toneladas de gases de efeito estufa, 12% a mais do que em 2020 e o maior aumento nas emissões do país em quase duas décadas. No setor agrícola, o aumento foi de 4%, atingindo 601 milhões de toneladas de CO₂ equivalente, em comparação com 579 milhões em 2020.⁸⁴

Trabalho escravo

O setor de carne lidera o ranking nacional de indústrias que usam trabalho escravo. Desde 1995, mais de 16.600 trabalhadores foram resgatados de condições análogas à escravidão na pecuária – 28% do número total de pessoas escravizadas em todas as indústrias do país no período.⁸⁵ Dos 2.977 casos relatados pelas autoridades brasileiras entre 1996 e 2022, 35% estavam ligados ao setor pecuário.

Na realidade, o número de trabalhadores submetidos a condições análogas à escravidão no setor,⁸⁶ pode ser muito maior. Há indícios de trabalho escravo em fazendas de gado em áreas onde não há relatos de violações.⁸⁷

São necessárias forças-tarefa de fiscalização e monitoramento para averiguar a existência de trabalho escravo e muitas vezes elas carecem de pessoal e recursos.⁸⁸ Portanto, a falta de denúncias em alguns estados não significa necessariamente uma prevalência mais baixa, e sim reflete uma capacidade limitada de fiscalização e aplicação da lei.

Rondônia, por exemplo, tem 11,57 milhões de cabeças, ou 5,7% de todo o gado do Brasil, sendo o sétimo maior rebanho do país.⁸⁹ Foram registrados relativamente poucos casos de trabalho escravo, em comparação com a média nacional. Em 2022, 31 trabalhadores foram resgatados da escravidão no estado, de um total de 2.577 pessoas resgatadas em 26 estados e no Distrito Federal, ou uma média em torno de 95 casos por estado.⁹⁰ Em comparação, no estado do Pará, que possui o quinto maior rebanho do país (16,8 milhões de cabeças de gado), 92 trabalhadores foram libertados.

O Quadro 5 descreve algumas iniciativas recentes para enfrentar questões problemáticas nas cadeias produtivas da carne bovina.



Quadro 5. Enfrentando os desafios da cadeia da carne

Junto à expansão da indústria da carne bovina, a pressão internacional para limpar essas cadeias produtivas tem se intensificado. Em junho de 2023, por exemplo, entrou em vigor na União Europeia uma nova lei que proíbe a importação de mercadorias associadas ao desmatamento em todo o mundo, incluindo a carne bovina.⁹¹

Há mais de dez anos, os principais frigoríficos brasileiros se comprometeram a bloquear compras de fazendas envolvidas em desmatamento ilegal na Amazônia.⁹² Eles também se comprometeram a não comprar de fazendas que operassem em áreas protegidas ou estivessem incluídas na chamada “lista suja” do trabalho escravo – cadastro feito pelo governo federal de empresas e indivíduos que submeteram pessoas ao trabalho análogo à escravidão.⁹³

No entanto, o gado contaminado com práticas ilegais, como desmatamento e trabalho escravo, continua chegando nos abatedouros das empresas:

- ▶ Tanto a JBS quanto a Marfrig compraram gado ilegal proveniente da Terra Indígena Apyterewa, no município de São Félix do Xingu, no Pará.^{94,95} A JBS diz não ter dados suficientes para comentar o caso, enquanto a Marfrig afirma que não havia restrições às fazendas no momento das compras, em 2019.
- ▶ Uma fábrica da Marfrig no município de Várzea Grande, no Mato Grosso, comprou centenas de animais de um pecuarista que havia sido multado duas vezes por desmatamento ilegal.⁹⁶ A empresa afirma que a fazenda aplicou sua política da época.
- ▶ Uma unidade da Minerva, no município de Araguaína, no Tocantins, abateu gado de uma propriedade que comprava animais de uma fazenda onde fora identificado trabalho escravo.⁹⁷ A empresa não comentou especificamente sobre o caso.

4. Fábricas de acidentes

“São fábricas de acidentes”

Marcos Cardoso dos Santos, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado de Rondônia (SINTRA-INTRA)

Este capítulo descreve, **as condições de trabalho na indústria de carne bovina brasileira**. São apresentados resultados de pesquisas da Repórter Brasil e da SOMO **sobre aspectos importantes de saúde e segurança no trabalho**. Os resultados das entrevistas com trabalhadores e outras partes interessadas constituem a base da discussão sobre cada tema.⁹⁸

DE PONTA A PONTA
• A PRODUÇÃO DE CARNE NOS FRIGORÍFICOS •



• **ABATE**

• SANGRIA

• ESFOLAMENTO

• EVISCERAÇÃO



• **DIVISÃO DE CARÇAÇA**

• LIMPEZA

• RESFRIAMENTO



• **DESOSSA**



• **REFILAGEM E CORTE**



• **EMBALAGEM E ARMAZENAMENTO**

O problema do setor frigorífico

A cadeia produtiva da carne no Brasil é grande e complexa, com milhares de pecuaristas espalhados por diversas regiões. Antes de terminar no abatedouro, o gado costuma ser transferido várias vezes entre fazendas para engorda.

Nos frigoríficos, os animais são abatidos, eviscerados, desossados, cortados em pedaços e embalados (veja a Figura 1). O processo se repete milhões de vezes a cada ano. O trabalho nas fábricas é acelerado, exaustivo e muitas vezes perigoso. Em 2021, 39,1 milhões de cabeças de gado foram abatidas e processadas no Brasil por uma força de trabalho de 134,6 mil pessoas.^{99,100}

Ritmo de trabalho frenético

O rebanho de gado bovino brasileiro saltou de 166,4 milhões de cabeças em 2002 para 202,8 milhões em 2022,¹⁰¹ o que impactou o trabalho nas unidades de abate. Os empregados entrevistados afirmaram que a produção está crescendo e há pressão para cumprimento de metas. O ritmo frenético de trabalho, os problemas ergonômicos, o ruído, as temperaturas extremas, os espaços confinados, sem janelas e com pouca ventilação, o esforço repetitivo, a pressão psicológica e o assédio demandam um esforço diário dos trabalhadores dos frigoríficos.

Crédito: © Isabel Harari/Repórter Brasil

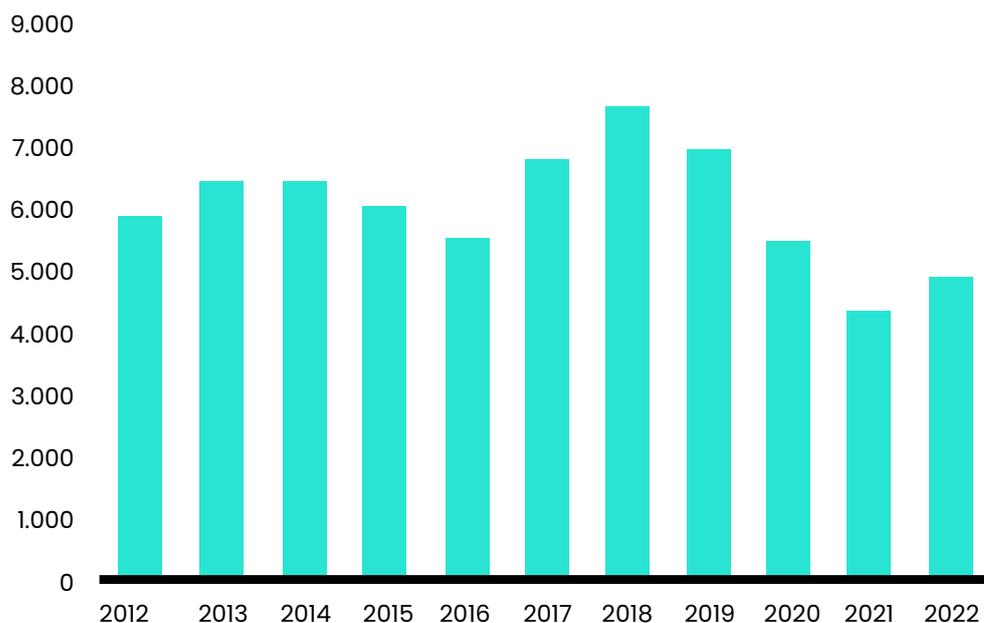


Acidentes

Em 2021, o Ministério da Previdência Social do Brasil registrou 4.853 acidentes no abate de gado.¹⁰² Apenas dez classificações de atividade econômica no país foram associadas a mais notificações de acidentes. Os índices de incidência foram de 3,6 acidentes não fatais por 100 trabalhadores e 9,7 acidentes fatais por 100 mil trabalhadores. As categorias de acidentes mais notificadas em frigoríficos em geral foram cortes, lacerações, feridas contusas ou feridas abertas (35%) e contusões e esmagamentos (19%).^{103,104}

As Figuras 2 e 3 mostram a evolução dos índices de lesões ocupacionais em frigoríficos desde a entrada em vigor da NR-36, em 2013. Os números indicam que, após alguns anos de relativa estabilidade, o número de acidentes notificados aumentou de 2017 a 2019 e diminuiu após 2020, atingindo os níveis mais baixos do período entre 2021 e 2022.

Figura 2. Acidentes não fatais no setor de abate de bovinos no Brasil, 2012–22¹⁰⁵

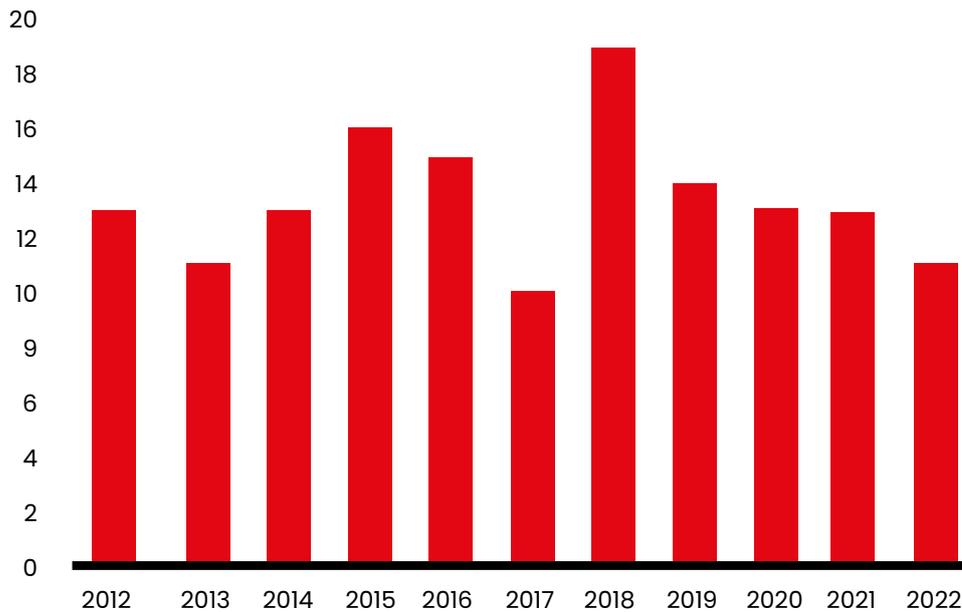


Não existe explicação oficial para a recente tendência à redução dos acidentes de trabalho, mas algumas fontes sugerem que ela esteja relacionada ao número de fiscalizações (que diminuiu nos anos da pandemia, resultando em menos acidentes notificados) e à melhoria no cumprimento das normas.

Apesar da NR-36, os entrevistados relatam acidentes rotineiros, incluindo cortes em dedos, mãos, braços e boca, máquinas atingindo pés ou prendendo joelhos, queda de bobinas, e facas e ganchos atingindo colegas.

Entre 2017 e 2022, o número de acidentes fatais notificados seguiu um padrão semelhante ao dos acidentes em geral. No entanto, em comparação com o número geral de acidentes, a recente diminuição da quantidade de vítimas fatais foi menor do que a do período até 2017 (Figura 3).

Figura 3. Acidentes fatais no setor de abate de bovinos no Brasil, 2012-22¹⁰⁶



Benefício social

Em casos de acidentes ou doenças relacionados ao trabalho, as empresas são obrigadas a pagar os trabalhadores por um período de 15 dias.¹⁰⁷ Depois disso, o governo federal paga um benefício social.¹⁰⁸ Para todos os setores, os gastos com esse auxílio foram de R\$ 1,8 bilhão em 2021, e os custos acumulados desde 2012 chegaram a R\$ 24,3 bilhões.¹⁰⁹

“O Estado está gastando muito com seguridade social e deixa de investir em outras políticas, como de acréscimo de renda. Acidente de trabalho é algo que precisa ser combatido, é algo interligado com o subdesenvolvimento da nação”

Ministro Alberto Balazeiro, do Tribunal Superior do Trabalho

Causas de lesões no local de trabalho

O uso excessivo e ininterrupto de certas articulações pode causar doenças como lesões por esforço repetitivo e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (LER/DORT), incluindo problemas articulares, lesões nervosas, artrite e artrose. Os trabalhadores dos frigoríficos podem realizar até 90 movimentos por minuto, enquanto os médicos recomendam no máximo 30 para evitar problemas de saúde ocupacionais.¹¹⁰

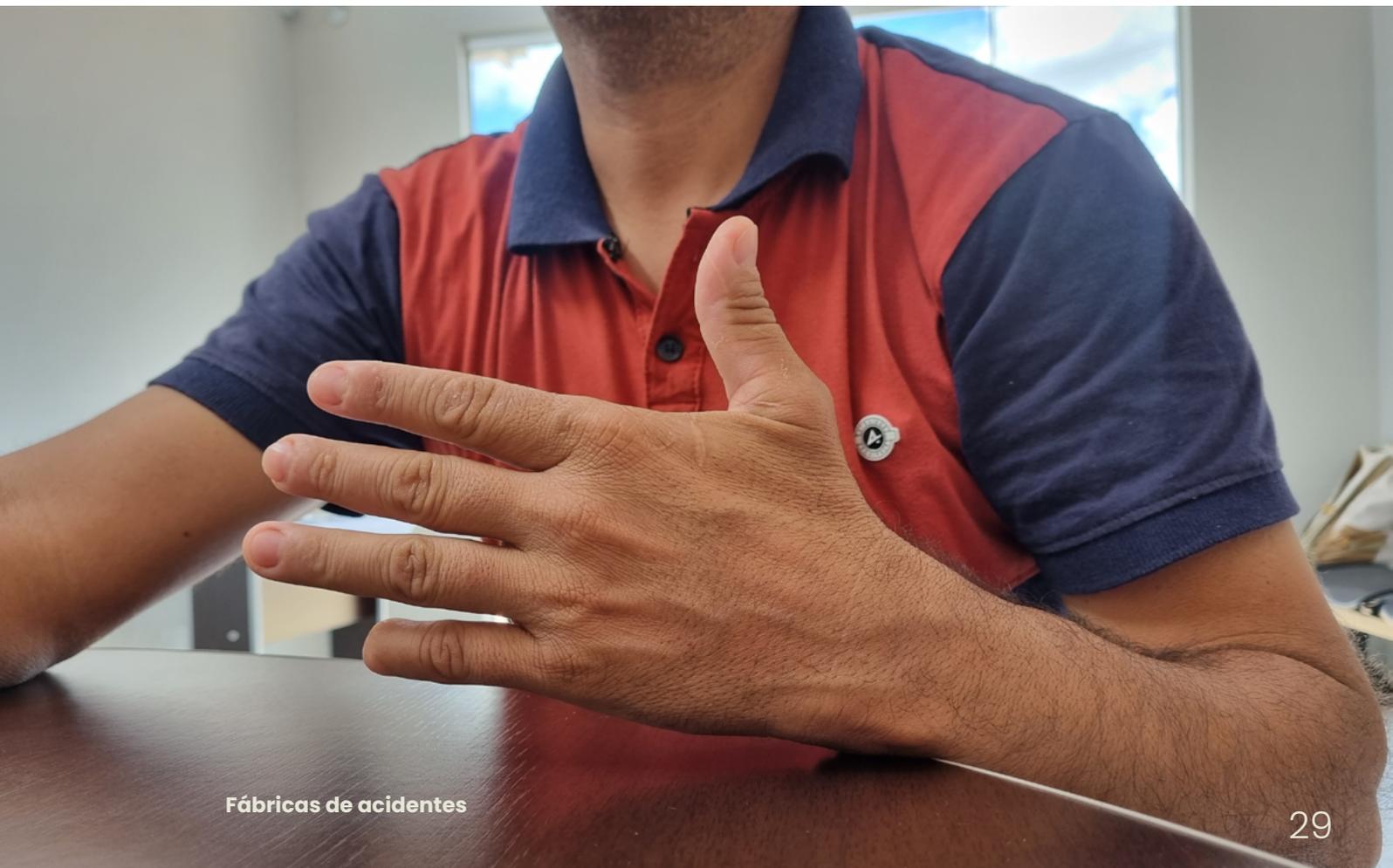
“São as máquinas que ditam o ritmo”, disse um empregado.

Nos casos mais graves, os trabalhadores têm que parar completamente de trabalhar e passam a enfrentar problemas de saúde crônicos.

Roberto Ruiz, médico do trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina e consultor para saúde do trabalhador da União Internacional dos Trabalhadores da Alimentação (Uita), explica:

“O ritmo de trabalho no frigorífico é muito intenso. Além disso, existem outros riscos associador, por exemplo o frio, que faz com que a musculatura fique mais contraída, e o ruído intenso. Aquele risco da repetitividade e da velocidade alta é agravado. E se não for instituído um limite para isso, aumenta a chance das pessoas adoecerem, terem as mais diversas LER/DORT. É fundamental ter controle do ritmo.”

Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil



Junto aos problemas de saúde física, foram encontradas alta incidência de transtornos psicossociais como depressão, síndrome do pânico, esgotamento e ansiedade entre os trabalhadores.

“Eu fiquei exausto, física e mentalmente”, diz um ex-trabalhador de frigorífico que largou o emprego por não aguentar mais o ritmo frenético da produção.

As seções seguintes examinam mais detalhadamente os principais problemas que afetam os trabalhadores da indústria da carne bovina.

Frio

É comum que os trabalhadores de frigoríficos sejam expostos a temperaturas extremas, tanto em ambientes muito frios, como câmaras frias, quanto em locais muito quentes, como áreas de cozimento de bucho e mocotó. As autoridades brasileiras registram variações de temperatura entre 6 °C e 42 °C nos locais de trabalho.¹¹¹ Essa diferença aumenta a incidência de problemas de saúde como resfriados, bronquite, pneumonia e rinite. Além disso, o frio pode causar lesões nos tecidos e na pele.

“É calor e frio, então sempre tem gente resfriada”, relata um empregado.

Muitos trabalhadores vestem blusões por baixo dos uniformes para resistir às baixas temperaturas, mas nem isso os protegem de adoecer. São comuns os relatos de gripe, sinusite, tosse, falta de ar, dor de garganta e até queimaduras no rosto devido ao frio.

“Todos os meses que eu fiquei lá [no setor de produção], eu tive alguma infecção por causa do resfriado, principalmente na garganta”, conta outro empregado.

Falta de equipamentos de proteção individual (EPIs)

O frio intenso pode desregular a temperatura corporal e outras funções.¹¹² Por essa razão, as atividades que implicam exposição prolongada a baixas temperaturas são, em princípio, classificadas como insalubres, exigindo que os empregadores forneçam equipamentos de proteção individual (EPIs), como vestimentas térmicas, luvas e botas especiais (ver discussão mais aprofundada na seção 4.11).

“Às vezes, a lavanderia fornece blusões, mas nem sempre, e não têm suficiente para todo mundo”, disse um trabalhador.

Na fábrica de hambúrgueres da Marfrig, em Bataguassu (MS), um empregado disse que suas mãos ficam vermelhas e ele sente dores ao manusear blocos de carne congelada, mesmo usando as luvas fornecidas pela empresa. Outro disse que há mais de dois meses tentava trocar o blusão danificado: “Está todo rasgado, e está muito frio”.

Em reação às conclusões deste relatório, a Marfrig respondeu¹¹³ que é necessário um rigoroso controle da temperatura no ambiente de trabalho para cumprir as normas sanitárias relativas ao manuseio de produtos de origem animal. A empresa disse que fornece equipamentos e concede pausas aos empregados para que eles não fiquem expostos indiscriminadamente às baixas temperaturas.



Crédito: © Labour Prosecution Service

Pausas térmicas

O comunicado da Marfrig ainda observa: “Todos os empregados expostos a temperaturas abaixo de 12 graus Celsius têm direito a uma pausa térmica de 20 minutos a cada 100 minutos trabalhados”.

Uma fiscalização do Ministério do Trabalho na fábrica de Bataguassu em 2022 confirmou as afirmações da Marfrig, mas¹¹⁴ uma inspeção anterior, em 2019, constatara que os termômetros das fábricas indicavam temperaturas mais altas do que realmente eram, o que impedia os trabalhadores de fazer pausas.¹¹⁵

Ruído

“O ruído mata, causa trauma, amputação e eletrocussão”, afirma o professor Paulo Rogério Albuquerque de Oliveira, membro do Conselho de Recursos da Previdência Social.¹¹⁶ Ele coordena o programa de pós-graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho da Universidade Paulista (Unip), no Distrito Federal. Seus estudos apontam o ruído como uma das principais causas de acidentes em frigoríficos, considerando seus efeitos diretos e indiretos.

Ruídos e vibrações de máquinas como motosserras, usadas no chão de fábrica, causam problemas de saúde. Quando o ruído é intenso e a exposição é contínua, ocorrem alterações estruturais no ouvido interno, que podem resultar em perda auditiva, zumbido no ouvido e intolerância a sons intensos.

Um trabalhador relatou: “Eu não aguentava o barulho, e continuava zumbindo no ouvido da gente depois” – mesmo com EPIs adequados, como protetores de ouvido e tampões de ouvido.

“Tem muito barulho de máquina e gente batendo nas estruturas de inox com caixas de carne congelada. É insuportável”, observou outro empregado.



Crédito: © Acervo pessoal

A exposição ao ruído em níveis elevados e durante várias horas por dia causa irritabilidade, perda de concentração e redução dos reflexos, e esses fatores tornam as pessoas propensas a acidentes.

“Não tem como uma pessoa voltar para casa saudável no fim do dia”, afirma o professor Oliveira.

Estudos mostram que o ruído pode causar estresse, bem como transtornos neurológicos, digestivos, cardiovasculares e hormonais.¹¹⁷

“O ruído causa alterações endócrinas, hipertensão sistêmica, disfunção erétil, alteração da cortisona e mudanças nos vasos sanguíneos. Ele destrói tudo. E não existe equipamento de proteção individual para isso”, explica o professor Oliveira.

“Além da perda auditiva, já estão comprovadas alterações vasculares, que podem levar a mudanças na pressão arterial, tontura, dor de cabeça e mal-estar”, concorda Dr. Ruiz (Unip).

Amônia

“É como se o gás te perseguisse aonde você for”

– empregado exposto a vazamento de amônia na unidade da Marfrig em Bataguassu (MS)

A amônia é usada em sistemas de refrigeração. Em certas doses, a exposição causa dificuldades respiratórias, ardência na mucosa nasal, na faringe e na laringe, dores no peito, edema pulmonar, náusea, vômito e inchaço na boca.¹¹⁸ A intoxicação por amônia pode ser fatal.

Entre 2014 e 2020, foram relatados pelo menos dez vazamentos de amônia nas unidades da JBS no Brasil, com 316 trabalhadores afetados.¹¹⁹ Em 2021, após um acidente com amônia na empresa, trabalhadores contaram que tiveram ataques de pânico e ansiedade.¹²⁰

“Eu tenho dor de cabeça, dor no peito, falta de ar, e o meu coração dispara. Tem dias que eu acordo com uma dor de cabeça insuportável. É muito ruim”, conta um trabalhador que sofreu intoxicação por amônia na fábrica da JBS de Pimenta Bueno (RO). Com menos de 30 anos, ele diz que o cansaço constante o impediu de encontrar emprego depois de ser demitido do frigorífico.

Segundo o Roberto Ruiz, médico do trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina e consultor da Uita, é sabido que a exposição repetida à amônia pode causar bronquite crônica, mas ainda há poucas pesquisas sobre os efeitos de longo prazo da exposição aguda e ocasional sobre a saúde, como no caso desse trabalhador.¹²¹

Mesmo assim, Ruiz não descarta uma relação entre problemas de saúde e exposição ocasional à amônia

“As consequências dependem do nível de exposição que a pessoa sofreu. Pode haver casos leves de irritação na garganta ou nos olhos, ou casos mais graves como pneumonite, uma inflamação pulmonar que, dependendo do grau, pode se tornar crônica. Ele não morreu, mas passou mal, foi para o hospital e depois voltou a trabalhar. Quais seriam as sequelas crônicas dessa exposição aguda? Nós precisamos estudar isso mais a fundo.”

Problemas de saúde relacionados a gênero

Dados do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) mostram alta incidência de problemas na gravidez em frigoríficos.¹²² Em comparação com outras indústrias, trabalhadoras de abatedouros correm 34% mais risco de ter “problemas de saúde materna”. Esses transtornos incluem infecções, hemorragias e vômitos excessivos, entre outras complicações na gravidez.

Não se sabe se existe relação causal entre esses problemas na gravidez e o trabalho em frigoríficos no Brasil. No entanto, médicos especialistas acreditam que microvasamentos de amônia, posições inadequadas nos postos de trabalho e exposição a baixas temperaturas e agentes microbiológicos presentes na carne animal podem afetar a saúde das trabalhadoras.¹²³

A necessidade de passar grande parte do tempo de trabalho em pé tem potencial para desencadear trombozes e embolias. O ruído pode agravar náuseas e tonturas. E as restrições ao uso do banheiro aumentam o risco de infecção urinária, uma das principais causas de parto prematuro e internamento em UTIs neonatais.¹²⁴

“Eu já tive infecção urinária duas ou três vezes”, diz uma funcionária da JBS em Rondônia. Ela afirma que, para usar o banheiro, as mulheres tinham que aguardar os intervalos permitidos pela empresa.

Esse não é um caso isolado. Trabalhadoras entrevistadas na Marfrig de Bataguassu (MS) contaram que não podiam usar o banheiro antes das pausas e por isso tiveram infecções urinárias.

A JBS e a Marfrig negam que suas funcionárias sejam submetidas a restrições de uso de banheiros. “A JBS garante acesso gratuito a banheiros e bebedouros durante toda a jornada de trabalho”, afirma a maior produtora de carne do mundo. A Marfrig sustenta que “independentemente das pausas obrigatórias, todos os trabalhadores podem sair dos seus postos de trabalho a qualquer momento para ir ao banheiro”.

Covid-19

Durante a pandemia de covid-19, o governo brasileiro declarou que os frigoríficos eram uma atividade essencial, garantindo que eles não fossem afetados pelas medidas de lockdown. Nesse contexto, essas unidades se tornaram vetores de contaminação por coronavírus, aumentando o número de casos nas áreas onde operavam.

Em 2020, por exemplo, a planta da divisão de aves da JBS, a Seara, foi considerada a origem da disseminação de casos de coronavírus entre os povos indígenas Kaiowá e Guarani que vivem na reserva Dourados, no Mato Grosso do Sul.¹²⁵ Os casos entre o povo Avá-Guarani da Terra Indígena Oco'y, em São Miguel do Iguçu, no Paraná, também foram relacionados a surtos em um frigorífico local.¹²⁶

Ao considerar todas as operações, incluindo carne de bovinos, aves, peixes e suínos, o número de acidentes registrados oficialmente no processamento de carnes permaneceu estável entre 2018 e 2020. Em 2020, porém, os movimentos repetitivos deixaram de ser a principal causa de doenças, que passou a ser o “contato com pessoas doentes”, e em 70% dos casos de doença, a parte do corpo mais afetada foi o aparelho respiratório. Em 2018 e 2019, antes da pandemia, o aparelho respiratório não aparecia na lista das ocorrências mais frequentes.¹²⁷

Trabalho na pandemia

Em 2021, um tribunal de primeira instância multou a unidade da JBS em São Miguel do Guaporé (RO) em 20 milhões de reais em decorrência da “negligência da empresa em proceder ao afastamento imediato dos empregados quando estes apresentaram sintomas potenciais de covid-19”.¹²⁸ Essa foi a primeira condenação de um grande frigorífico por falta de controle na pandemia.¹²⁹ A decisão judicial se baseou no fato de a empresa ter exposto trabalhadores ao vírus sem o devido distanciamento social ou EPI.

“Disseram que era dengue... o chefe de turma até falou que era coisa da nossa cabeça, que era psicológico”, relatou um funcionário à Repórter Brasil. Como as pessoas afastadas não foram substituídas, os empregados que continuaram tiveram que trabalhar mais para manter a produção: “Foi terrível. Quem ficou teve que trabalhar o dobro... num setor de 200 pessoas, 20 adoeciam, mas eles não paravam de abater gado, então o ritmo de trabalho aumentava”, lembrou o trabalhador.

“Não tinha como fazer distanciamento”

reclamou outro empregado da fábrica da JBS em São Miguel do Guaporé.

A JBS respondeu ressaltando que adotou diversas medidas para evitar a propagação do coronavírus em suas unidades, incluindo a promoção do distanciamento seguro, como demarcação de espaços nas unidades, controle de acesso a ambientes propensos a aglomerações e duplicação da frota de ônibus fretados. A empresa também afirma que incentivou a vacinação contra a covid-19, afastou empregados que eram de grupos de risco e investiu na higienização e na desinfecção de áreas de uso comum.

Embora as medidas nacionais de emergência para a covid-19 tenham sido suspensas em maio de 2023,¹³⁰ o médico Roberto Ruiz considera necessário olhar além da pandemia: “Nós temos que ficar muito alertas. Os frigoríficos são reservatórios potenciais para a expansão de outros vírus ou novas mutações do vírus da covid.”

Vários fatores do trabalho em frigoríficos, incluindo locais de trabalho fechados e a proximidade entre humanos e animais, facilitam o surgimento de novos vírus e bactérias.¹³¹

“Chorava de dor e me colocavam para trabalhar”

“De que adianta reclamar de dor? Você só vai segurar a faca com dor, não tem escolha.”

“Nós trabalhamos doentes. Eu trabalhei todos os dias quando tive dengue.”

Os depoimentos coletados mostram que não é incomum empregados trabalharem com dores, caxumba, dengue, hipertensão, falta de ar e fraqueza muscular após serem intoxicados por amônia.

Uma trabalhadora entrevistada explicou: “Quando eu cortei o dedo, eu não contei para ninguém. Eu só botei a luva de novo e voltei para o trabalho.” Mais tarde, ela teve que levar pontos na ferida.

Existem vários motivos para os empregados não relatarem dores ou doenças à administração da empresa. Primeiro, faltar ao trabalho pode reduzir a renda mensal do trabalhador, já que o salário inclui um bônus por assiduidade. Em segundo lugar, muitos temem não ter renda suficiente para sobreviver, porque a previdência social do Brasil pode ser lenta quando se trata de pagar benefícios “Como é que você vai reclamar [de dor] se eles demoram três meses [para pagar o auxílio]?”, questionou um entrevistado. Um trabalhador que sofreu uma lesão no joelho em um acidente teve que contar com o apoio do sindicato local e dos colegas para comprar alimentos: “Foi uma burocracia louca [para conseguir o afastamento]”.

Outro motivo é o medo de retaliação. Os trabalhadores temem ser demitidos por “justa causa”, quando a empresa alega ter motivos aparentemente não relacionados à doença para demitir um empregado. “Se você reclamar, está fora”, disse um trabalhador. “Quando você está saudável, a empresa quer você; quando você tem um problema, se dá mal”, disse outra pessoa. “Se você não cumprir, você não presta, não tem mais valor”, disse um terceiro. Quem acaba sofrendo os efeitos é o trabalhador”.

O procurador-chefe do Ministério Público do Trabalho da 14^a Região, Carlos Alberto Lopes de Oliveira, confirma: “Os empregados estão convencidos de que informar que estão doentes significa perder o emprego. As pessoas muitas vezes tomam analgésicos para mascarar doenças latentes relacionadas ao trabalho, o que poderia criar problemas muito mais graves para elas no futuro. É o trabalhador quem vai acabar pagando esse preço.”



O médico Roberto concorda:

“Temos casos, e não são poucos, de aposentadoria por invalidez. Porque mesmo que os empregados continuem trabalhando com dor por um tempo, essa dor vai piorar cada vez mais, e vai chegar a hora em que mesmo que ele não queira se afastar, não vai conseguir ficar. O corpo não vai responder mais, as mãos não vão ter força nem habilidade para continuar trabalhando.”

Por se sentirem inseguros para informar à empresa sobre sua dor, muitos empregados recorrem aos colegas em busca de ajuda. Um empregado da Marfrig contou:

“Às vezes eu dizia para a minha amiga que trabalhava ao meu lado que eu estava doente, aí ela fazia o meu trabalho e o dela, puxando o máximo de carne que ela conseguia da máquina. Para dar conta, a gente precisa se ajudar. É assim que a gente faz as coisas lá. Os amigos cuidam uns dos outros.”

Vários trabalhadores relataram experiências ruins ao pedir ajuda. Em alguns casos, os médicos das unidades de produção não levaram as queixas a sério. “O fisioterapeuta [da empresa] disse que era uma dor de um dia, porque a produção estava pesada, que no dia seguinte ia melhorar”, contou um trabalhador que procurou tratamento para dores no ombro. Outros empregados alegaram que os supervisores desassociavam a relação causal entre trabalho e doença, afirmando que determinadas lesões haviam ocorrido fora das instalações da empresa.

Subnotificação

No Brasil, quando ocorre um acidente de trabalho, as empresas devem notificar as autoridades até o dia seguinte. Acidentes fatais devem ser comunicados imediatamente.

Em tese, as comunicações de acidente de trabalho, ou CATs,¹³² devem ser emitidas quando houver mera suspeita de que um evento, seja doença ou acidente com máquinas, esteja relacionado ao trabalho.¹³³ Na prática, porém, muitos problemas de saúde que têm relação com o trabalho não são notificados. Em 2022, 115.954 dos 612.920 casos de acidentes de trabalho em todos os setores, que levaram ao afastamento pelo INSS, deixaram de ser comunicados – uma subnotificação de 19%.¹³⁴ Essa estimativa se baseia no número de pedidos de benefício feitos à previdência social. O governo registra essas solicitações de pagamento de benefícios sociais às vítimas, e muitos deles são pagos sem as CATs obrigatórias.

“País da subnotificação”

“A não notificação de acidentes de trabalho é um problema histórico. O Brasil é conhecido como ‘país da subnotificação’. É uma luta constante, de mais de 30 anos contra a subnotificação. Essa é uma luta que ainda precisa avançar. A subnotificação existe, infelizmente, e prejudica as pessoas”, diz o médico Roberto Ruiz.

Segundo o Alberto Balazeiro, ministro do Tribunal Superior do Trabalho:

“A subnotificação é a maior fonte de preocupação daqueles que lidam com saúde e segurança, porque faz com que todas as políticas públicas sejam subdimensionadas. Eu não consigo planejar o combate a uma doença ocupacional ou a um acidente de trabalho, não consigo dimensionar a incidência daquela doença ou acidente. A subnotificação impede que as políticas públicas acessem o alvo”

E o juiz Balazeiro continua:

“Outro ponto da subnotificação é evitar a responsabilização. Quando se deixa de notificar, a meta é não reconhecer o acidente de trabalho para não ser responsabilizado pela doença que é conseqüência. A CAT, tal qual a carteira de trabalho, é um elemento básico. Quem não emite a CAT dificilmente vai respeitar outros direitos e normas.”

Carlos Oliveira, do MPT em Rondônia, explica que há outro motivo para a subnotificação: “Às vezes não se comunica deliberadamente para não aumentar o índice de acidentalidade daquela empresa. Há um percentual da alíquota das contribuições que aumenta de acordo com o nível de acidentes.”

Um trabalhador da Marfrig, que estava afastado no momento da entrevista, disse: “Eu já estava afastado quando ouvi do responsável pela saúde e segurança que a empresa não estava emitindo CAT para o tipo de doença que eu tinha. Mas não é qualquer doença, é uma doença relacionada ao trabalho. Ou apenas acidentes com facas resultam em CATs?”

Driblando a fiscalização

Para verificar se as condições de trabalho atendem à legislação, as autoridades brasileiras fiscalizam regularmente os frigoríficos. Os entrevistados disseram que, durante essas inspeções, as empresas costumam se esforçar para ocultar a realidade cotidiana do local de trabalho.

“Dia de fiscalização é maravilhoso, dá até sono.”

“Passa um boi por minuto [na esteira].”

“Eles ligam o exaustor antes [da fiscalização] para aumentar a temperatura [no local de trabalho].”

“Depois o ritmo fica ainda mais rápido para compensar o tempo perdido.”



Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil



Fábricas de acidentes

No entanto, quando apresentamos os relatos às empresas, elas negaram qualquer irregularidade. A Marfrig afirmou que as alegações são falsas e que o ritmo de produção, o nível de ruído e a temperatura atendem às especificações oficiais para produção nos frigoríficos. E acrescentou: “As inspeções por parte de autoridades e clientes corporativos geralmente duram vários dias, o que refuta a alegação de mudanças temporárias”.

A JBS não se pronunciou especificamente sobre o assunto, mas afirmou que “cumpre as normas previstas na legislação civil e trabalhista vigente” e que “todas as instalações estão sempre à disposição dos órgãos fiscalizadores, em atendimento ao artigo 157 da CLT”.

Dois fiscais envolvidos no monitoramento das condições de saúde e segurança em frigoríficos foram entrevistados sob condição de anonimato. Eles confirmaram as declarações dos trabalhadores sobre fraudes na fiscalização. Um deles disse: “Nos dias de fiscalização, o trabalho é um mar de rosas. Mas basta a gente virar as costas e recomeça o massacre.” Para tornar a implementação da NR-36 mais eficaz, ambos defendem fiscalizações surpresa, em vez da prática atual de inspeções regulares, anunciadas previamente.

Falhas nas políticas de conformidade

“Eu não tenho dúvidas de que a NR-36 evitou milhares de acidentes, mutilações e mortes dentro de frigoríficos”, disse Artur Bueno, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Alimentação, em evento que marcou os dez anos da norma.¹³⁵

A NR-36 é considerada crucial para promover condições adequadas de trabalho, mas até mesmo as estatísticas oficiais mostram que ainda há um longo caminho a percorrer para que ela seja efetivamente implementada. Entre 2017 e 2020, dos 1.437 abatedouros auditados, 917 (64%) foram multados por descumprir a norma.¹³⁶

Entre 2017 e 2020, dos 1.437 abatedouros auditados, 917 (64%) foram multados por descumprir a norma

Tentativas de enfraquecer as normas trabalhistas

Houve tentativas de enfraquecer a NR-36, como as tomadas em 2020 pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, incluindo disposições para tornar o regime de pausas menos rigoroso. A imprensa brasileira noticiou que entidades representativas das grandes empresas do setor de carnes apoiaram medidas para esvaziar as normas de saúde e segurança.¹³⁷ Além disso, as autoridades envolvidas na promoção dos direitos trabalhistas alertaram que as mudanças representariam um risco para os trabalhadores.¹³⁸

Procuradores do trabalho salientaram que os dois anos de pandemia resultaram em menos fiscalização do governo em frigoríficos.¹³⁹ As inspeções foram dificultadas pela falta de recursos e dificuldades operacionais quando “o próprio ministério deixou de

existir durante 2 anos e 7 meses”, disseram, referindo-se à extinção do Ministério do Trabalho e à transferência das suas competências para o Ministério da Economia durante o governo Bolsonaro.¹⁴⁰

Em janeiro de 2022, uma liminar concedida ao Ministério Público do Trabalho suspendeu a revisão da NR-36.¹⁴¹ Os procuradores apontaram duas condições que não haviam sido cumpridas: consulta prévia às populações indígenas e relatório do governo justificando a necessidade de revisão.

“A NR-36 dá segurança aos trabalhadores do setor frigorífico, por isso queremos que ela continue. Não é hora de discutir nenhuma mudança”, observa Artur Bueno, da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação, que reúne sindicatos de várias partes do país.

Roberto Ruiz, médico do trabalho, comenta: “Se fosse para haver alguma revisão da regulamentação, deveria ser para melhorá-la, para reduzir a jornada de trabalho nos frigoríficos, com foco na promoção da saúde”.

Insalubridade

Sindicatos de todo o Brasil estão entrando com ações na justiça para garantir aos trabalhadores benefícios monetários. Um exemplo é o adicional obrigatório para trabalhos oficialmente considerados insalubres. Os sindicatos argumentam que esse é o caso dos frigoríficos devido à exposição a baixas temperaturas e altos níveis de ruído. Como consequência, exigem que os trabalhadores recebam adicionais de insalubridade que variam entre 10% e 40% do salário mínimo regional.¹⁴²

As empresas não medem esforços para evitar que as autoridades classifiquem as suas atividades como insalubres.¹⁴³ Uma razão é que quem trabalha em ambientes insalubres têm direito à aposentadoria especial.¹⁴⁴ Outra é que não são permitidas horas extras em locais de trabalho reconhecidos como insalubres, a menos que sejam autorizadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego¹⁴⁵ ou por acordos coletivos.

No entanto, os frigoríficos nem sempre conseguem evitar que o trabalho não seja considerado insalubre. No Mato Grosso, por exemplo, uma liminar proibiu a JBS de exigir horas extras de seus empregados.¹⁴⁶ No mesmo estado, a Minerva foi condenada a pagar R\$ 500 mil por exigir horas extras em seus frigoríficos.¹⁴⁷

Opressão e retaliação

Em Rondônia, os trabalhadores da JBS e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação do Estado de Rondônia (SINTRA-INTRA) ajuizaram ação coletiva exigindo o pagamento do adicional de insalubridade. A empresa demitiu os empregados que entraram com a ação por justa causa.¹⁴⁸

“Um empregado trabalhava na empresa há oito anos, nunca tinha faltado um dia, nunca tinha tirado uma licença médica, sempre fez tudo certo, era um dos melhores desossadores que eles tinham. Quando ele voltou das férias, eles demitiram”, disse o presidente do SINTRA-INTRA, Marcos Cardoso dos Santos.

Uma fonte disse que, ao demitir os trabalhadores que ajuizaram a ação, a JBS estabeleceu uma situação de perseguição e “eliminou qualquer possibilidade de os trabalhadores reivindicarem seus direitos”.

Segundo o presidente do sindicato: “A JBS ameaçou os trabalhadores para eles desistirem da ação. Primeiro demitiram um empregado, depois dois, depois dez, e para quê? Para coagir outros trabalhadores a desistir. Os trabalhadores ficam com medo [de ir ao sindicato].” Santos disse que alguns enviaram cartas à entidade retirando-se da ação.

O Tribunal Regional do Trabalho tomou decisão favorável aos trabalhadores, mas posteriormente, um tribunal federal reverteu a decisão.^{149,150} Em seguida, o juiz Carlos Antônio Chagas Júnior proferiu nova decisão favorável ao sindicato, mencionando as ameaças aos empregados,¹⁵¹ citando o “notório desrespeito ao sistema da legislação trabalhista e, principalmente, à dignidade dos trabalhadores, que vivem com medo e angústia de perder sua principal fonte de subsistência”.

A JBS não quis comentar o caso, argumentando que o processo ainda não foi concluído.

Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil



5.

Relatos do chão de fábrica

“O trabalho no frigorífico é terrível; é pressão de tudo que é lado. As pessoas não aguentam mais”

– presidente do SINTRA-INTRA, Marcos Cardoso dos Santos

Este capítulo trata **dos resultados das entrevistas da Repórter Brasil com trabalhadores** sobre os fatores **que afetam a saúde e a segurança no local de trabalho** em algumas das maiores empresas de carne do Brasil.

Resultados das entrevistas

Apresentamos aqui os principais resultados das nossas entrevistas com empregados e ex-empregados da JBS, da Marfrig e da Distriboi nos estados de Rondônia e Mato Grosso do Sul (mais informações nos Quadros 1 e 2) (Tabela 2).

As entrevistas mostram uma alta incidência de problemas de saúde relacionados ao trabalho, com 84% dos entrevistados relatando lesões e doenças, em sua maioria, em articulações, ligamentos, músculos, nervos e tendões. 40% dos entrevistados relataram ter sofrido algum tipo de acidente. As pausas obrigatórias, destinadas a manter o ritmo de trabalho relativamente administrável, eram ignoradas com frequência.

Tanto as horas extras (87%) quanto o desconforto térmico (93%) foram aspectos destacados pelos empregados. Cerca de dois terços dos trabalhadores disseram ter enfrentado vazamentos de amônia, e mais de um quarto alegou não ter recebido EPI adequado. Os trabalhadores também reclamaram de assédio e ruído no local de trabalho.

Tabela 2. Resumo dos principais resultados das entrevista

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|--|---|
| 84% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 87% ▶ faziam horas extras |
| 40% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 26% ▶ relataram não receber EPI adequado |
| 65% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 93% ▶ relataram desconforto térmico |
| 52% ▶ não faziam as pausas exigidas por lei | 32% ▶ recebem um salário mínimo ou menos |

Quanto à remuneração, 32% dos empregados entrevistados disseram receber R\$ 1.320 por mês – o salário mínimo do Brasil em 2023 – ou menos.¹⁵² Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o salário real necessário para viver com dignidade no país seria de pouco mais de R\$ 6.676 por mês em 2023.¹⁵³

A JBS em Rondônia

A JBS possui quatro plantas frigoríficas em Rondônia: em Vilhena, São Miguel do Guaporé, Pimenta Bueno e Porto Velho. Entrevistamos 32 trabalhadores atuais e antigos das três primeiras unidades. Muitos deles disseram ter medo, sofrer acidentes e sentir dores enquanto estão no local de trabalho (Tabela 3).

As diferenças mais marcantes entre as conclusões dos trabalhadores da JBS e os resultados globais agregados da pesquisa acima são a porcentagem relativamente alta de vazamentos de amônia e a proporção que recebe EPI adequado. Os exercícios no local de trabalho, uma medida legal para melhorar a saúde e a segurança juntamente com pausas obrigatórias frequentes, eram ainda menos comuns na rotina diária do que as pausas.

Tabela 3. Resumo dos resultados das entrevistas, JBS Rondônia

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|---|---|
| 84% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 81% ▶ nunca haviam feito exercícios no local de trabalho |
| 44% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 97% ▶ faziam horas extras |
| 78% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 8% ▶ disseram não ter recebido EPI adequado |
| 46% ▶ relataram sempre fazer as pausas exigidas por lei; 25% disseram que faziam pausas com frequência; 13% raramente faziam pausas; e 16% nunca faziam pausas | 93% ▶ relataram desconforto térmico periódico |

Falta de fiscais do trabalho

Em 2022, Rondônia respondeu por 7% de todo o gado abatido no Brasil, tornando o estado o sétimo mais importante do país para esse tipo de atividade. E em 2023, o número de animais abatidos cresceu mais rápido em Rondônia do que em todos os outros estados, até o terceiro trimestre.¹⁵⁴ Para um estado com um nível relativamente alto de processamento de carne, Rondônia tem poucos fiscais do trabalho: apenas 11, o quarto menor número do país.¹⁵⁵

Histórico de violações dos direitos trabalhistas

As fábricas da JBS em Rondônia possuem um histórico de violações dos direitos trabalhistas. Mencionamos anteriormente (na seção 4.6) a multa judicial de R\$ 20 milhões aplicada em 2021 por “negligência da unidade de São Miguel do Guaporé em afastar imediatamente os empregados que apresentassem potenciais sintomas de covid-19”.¹⁵⁶

Ainda em 2021, 25 trabalhadores da unidade de Pimenta Bueno foram intoxicados por um vazamento de amônia, pelo qual os trabalhadores pediram indenização.¹⁵⁷

Os casos mais antigos incluem um de 2014, em que empregados de São Miguel do Guaporé entraram em greve por problemas de segurança e registro de ponto, bem como para reivindicar melhores salários e benefícios semelhantes aos de outras unidades no estado.¹⁵⁸ Na época, o sindicato reclamou que a JBS estava desrespeitando o direito à greve, coagindo os trabalhadores a voltar ao trabalho, e contratando substitutos ou realocando mão de obra de outras unidades para atender à demanda. Em 2013, a unidade da JBS em Vilhena foi condenada a pagar R\$ 3 milhões como indenização pelos danos aos direitos dos trabalhadores.

Segundo análise do Ministério Público do Trabalho em 2023, as fábricas da JBS em Porto Velho e Vilhena não apresentaram evidências de que cumprem as normas de saúde e segurança no trabalho, como limites de temperatura, controle de pausas, conforto térmico e acústico em áreas de descanso, e parâmetros de produtividade compatíveis com a capacidade de cada trabalhador.¹⁵⁹ Consequentemente, o MPT multou a empresa em R\$ 2 milhões.

O procurador responsável pelo caso, Carlos Alberto Lopes de Oliveira, disse à Repórter Brasil que “os frigoríficos estão, na verdade, resistindo à aplicação de medidas que impactem diretamente nos custos e na produção, como o tamanho da força de trabalho e as pausas legais”.

A JBS não apresentou comentários em resposta ao relato do caso. A empresa afirmou apenas que o caso “é anterior à entrada em vigor da NR-36” e que “não há nenhum relato que indique descumprimento da legislação vigente”.

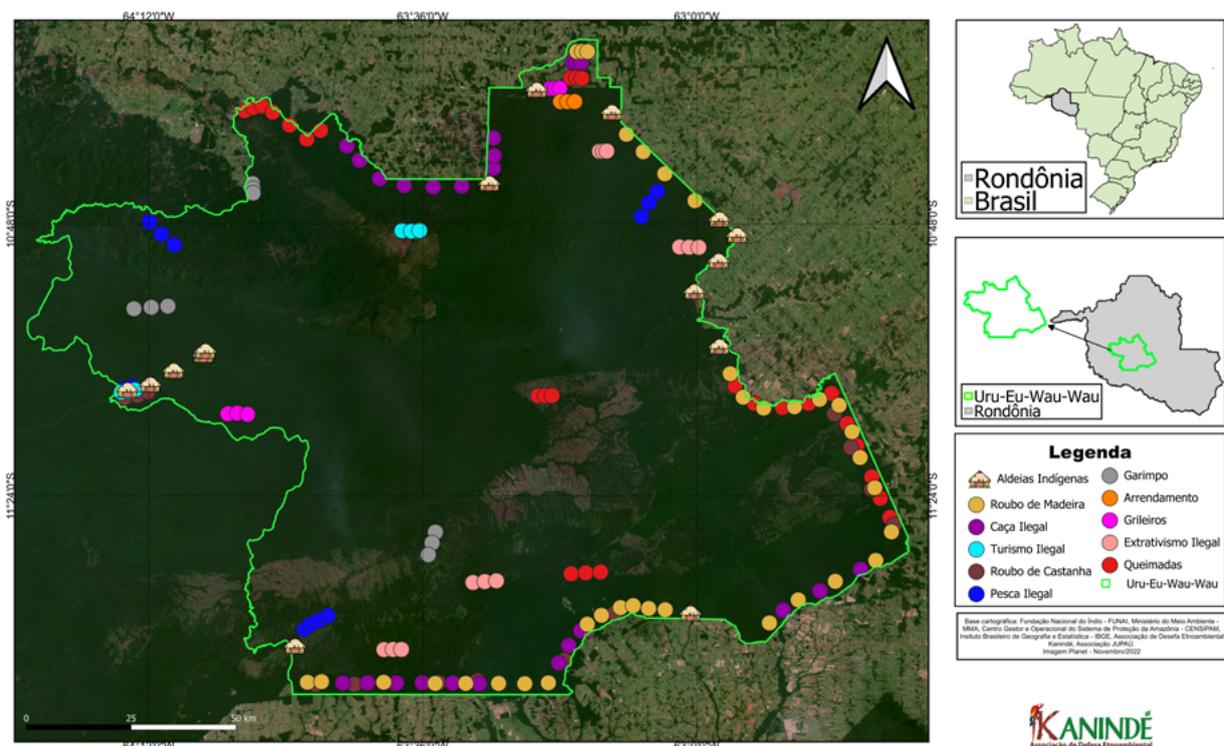
No entanto, o caso continuou avançando, tendo o Ministério Público do Trabalho requerido aos tribunais, em 2023, que reconhecessem que a empresa não cumprira integralmente os seus deveres para com os trabalhadores.

Fazendas ilegais que são fornecedoras da JBS e estão pastando a floresta

Localizado na nova fronteira do desmatamento, Rondônia ocupa o segundo lugar entre os estados amazônicos do Brasil em termos de perda recente de áreas protegidas.¹⁶⁰ Em 2022, o Center for Climate Crime Analysis mostrou que as fábricas da JBS em Rondônia compram carne de fazendas ilegais localizadas dentro da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau.¹⁶¹

Segundo a investigação, mais de 25 mil cabeças de gado pastavam ilegalmente na terra indígena, que já perdeu 13.000 hectares de floresta para a pecuária. A JBS respondeu dizendo que, pela falta de clareza sobre as propriedades citadas no relatório, “não é possível avançar em uma análise detalhada” da cadeia produtiva.

Pressão sobre a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia



O crescimento da pecuária aumenta a pressão sobre o território dos povos indígenas e gera problemas internos nas comunidades. As conversões de florestas em pastagens costumam estar associadas à grilagem de terras, ao roubo de madeira e à caça ilegal.

Almir Suruí, liderança indígena da região, denuncia o arrendamento de pastagens dentro de terras indígenas:

“No governo passado as invasões aumentaram muito, porque criou uma expectativa de que esse agronegócio pudesse dominar as terras indígenas. Tinha investimentos grandes de pecuaristas, do agronegócio e até tinha a assessoria jurídica para tentar legalizar isso [as invasões]. O objetivo maior era revogar o direito dos povos indígenas sobre os territórios para que eles pudessem ocupar.”

Desde 2009, os frigoríficos no Brasil são obrigados a monitorar toda a cadeia produtiva para evitar desmatamento e trabalho escravo, incluindo fazendas intermediárias pelas quais passa o gado que compram, mas as empresas não cumpriram isso até agora. Consequentemente, a indústria continua processando animais criados no território Uru-Eu-Wau-Wau e em outras áreas protegidas do estado.

A carne proveniente de fazendas ilegais de Rondônia foi parar nas gôndolas de grandes redes de supermercados que atuam no Brasil, como Carrefour e Casino.^{162,163} Uma pesquisa da Repórter Brasil mostrou que, mesmo depois que as denúncias levaram o Carrefour a proibir a carne de determinadas fábricas da JBS, a empresa continuou comprando essa carne ilegal.¹⁶⁴

Em 2022, a JBS admitiu que suas fábricas em Rondônia adquiriram milhares de cabeças de gado de fazendas embargadas e com histórico de desmatamento ilegal e trabalho escravo, administradas por uma quadrilha de desmatadores.¹⁶⁵ O gado foi processado entre 2018 e 2022, com a carne sendo vendida no Brasil sob as marcas da empresa, além de possivelmente exportada.

Segundo dados de comércio internacional, entre 2018 e 2022, os Estados Unidos importaram 12.389 toneladas de carne bovina da JBS dos três municípios onde estão localizadas as fábricas envolvidas na atividade ilegal (Porto Velho, Vilhena e São Miguel do Guaporé). Apenas Hong Kong e o Egito compraram mais carne bovina da JBS oriunda dessas unidades nesse período.

As plantas da JBS em Vilhena, São Miguel do Guaporé e Pimenta Bueno

Passamos agora das preocupações gerais que surgem nas unidades da JBS em Rondônia para informações sobre plantas específicas, obtidas em entrevistas com empregados e ex-empregados da empresa em Vilhena, São Miguel do Guaporé e Pimenta Bueno.

JBS Vilhena

“Eu sinto dores o tempo todo”, disse um dos trabalhadores da JBS em Vilhena. Após três anos de trabalho nessa fábrica, ele estava em casa de licença médica. O empregado tinha que tomar diversos analgésicos para as costas, ombros e braços, e precisava de fisioterapia.

Outro empregado disse que uma vez cortou a mão com uma faca e outra vez foi atingido por um equipamento que caiu em sua cabeça, mas não teve direito a licença médica.

A Tabela 4 resume os principais resultados das entrevistas com 11 trabalhadores da unidade da JBS em Vilhena.

Tabela 4. Resumo dos resultados das entrevistas, JBS Vilhena

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|--|---|
| 73% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 37% ▶ não faziam as pausas exigidas por lei |
| 36% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 91% ▶ faziam horas extras |
| 81% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 100% ▶ disseram receber EPI adequado |
| | 100% ▶ relataram desconforto térmico periódico |

Crédito:© Isabel Harari/Repórter Brasil



Uma cicatriz esbranquiçada envolve a mão e o punho de um ex-empregado da JBS em Vilhena. A marca é antiga, mas ainda coça e incomoda o trabalhador, que disse que ela começou com um pequeno corte enquanto ele trabalhava na fábrica da empresa. Anos depois, ele foi diagnosticado com cromomicose, uma infecção subcutânea. A lesão permitiu a proliferação de um fungo, explicou o médico Roberto Ruiz, da Universidade Federal de Santa Catarina: “Deveria haver mais fiscalização para evitar que isso acontecesse porque [com o corte], se abriu a porta de entrada não só para o fungo, mas também para bactérias e outras infecções.”

Embora a maioria dos trabalhadores tenha afirmado que a JBS permite pausas de acordo com a legislação, alguns apontaram que isso nem sempre é observado. “Se você ainda tem meta para cumprir, você não vai fazer pausa”, explicou um trabalhador.

Os trabalhadores também relataram que a empresa é hostil aos sindicatos: “Eles não gostam deles, não respeitam eles, não consideram eles amigos”; “Se veem eles conversando, querem saber o que é.”

Quando a Repórter Brasil esteve em frente a planta de Vilhena, por exemplo, funcionários do setor de Recursos Humanos da JBS ficaram junto aos dirigentes do sindicato, gerando visível constrangimento para a aproximação de trabalhadores.

No final de março de 2023, a unidade da JBS em Vilhena foi autorizada a exportar carne bovina para a China.¹⁶⁶ Foi a primeira licença emitida pelas autoridades chinesas desde 2019. O presidente do sindicato local, Marcos Santos, disse que o novo negócio resultou em uma carga de trabalho ainda maior.

JBS São Miguel do Guaporé

“No começo, falaram que era dengue e mandaram a gente continuar trabalhando, mas era covid”, disse um empregado da JBS de São Miguel do Guaporé, como se a doença causada pelo mosquito da dengue não fosse grave o suficiente. No auge da pandemia, disse ele, os administradores da unidade obrigaram empregados que relataram sintomas de covid-19 a continuar trabalhando.

Conforme observado acima, a unidade da JBS de São Miguel do Guaporé foi multada por “negligência da unidade de São Miguel do Guaporé em afastar imediatamente os empregados que apresentassem potenciais sintomas de covid-19”.¹⁶⁷ Essa unidade foi o primeiro frigorífico de grande porte condenado no Brasil por não controlar a propagação da pandemia.¹⁶⁸

“Onde dói? Bom, onde ainda dói, porque ainda dói”, disse uma entrevistada, referindo-se à dor no ombro que a impedia de pegar a carne que passava na esteira. Ela responsabilizou o trabalho na fábrica por sua condição. Quando tentou marcar uma consulta para uma ressonância magnética, a empresa informou que ela havia sido demitida. A demissão ocorreu sem que a empresa reconhecesse a lesão como doença relacionada ao trabalho. Em vez disso, a JBS afirmou que a demissão se deu por “justa causa”.

Tabela 5. Resumo dos resultados das entrevistas, JBS São Miguel do Guaporé.

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|--|---|
| 92% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 59% ▶ não faziam as pausas exigidas por lei |
| 42% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 92% ▶ faziam horas extras |
| 67% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 100% ▶ disseram receber EPI adequado |
| | 100% ▶ relataram desconforto térmico periódico |

JBS de Pimenta Bueno

Um empregado que enfrentou um vazamento de amônia na unidade da JBS em Pimenta Bueno em 2021 nos contou:

“Houve um grande estrondo e eu vi todo mundo gritando, correndo, todo mundo caindo sobre as cadeiras, tentando fugir. E aquele cheiro forte entrando na minha garganta. Eu tomei um pouco de água e saí, mas eu não conseguia respirar direito. Começou a bloquear a minha garganta, que começou a fechar, e eu acordei no hospital. Foi a pior experiência da minha vida.”

O trabalhador ficou internado havia mais de uma semana, e no momento da entrevista, ainda sofria de falta de ar, hipertensão, fraqueza muscular e dores. “Do nada, o meu coração acelera; tem dias que eu acordo com uma dor de cabeça terrível”, disse.

Pelo menos 25 empregados haviam sido intoxicados¹⁶⁹ por amônia naquele mesmo acidente na JBS em Pimenta Bueno, em 2021. Alguns deles disseram sofrer de ataques de pânico e ansiedade. As vítimas buscavam indenização na justiça de R\$ 28 milhões por “dano moral coletivo”.¹⁷⁰

Um empregado muito jovem sofria as sequelas de uma intoxicação: “Eu sinto cansaço constante e fraqueza nos ossos. Eu não tinha esses problemas antes do vazamento; eu nunca tinha ido a um hospital e não tomava nenhum remédio. E agora eu preciso tomar remédio e fazer exames.”

Com frequência, os entrevistados da JBS de Pimenta Bueno relataram dores nos braços e ombros, inflamação nos tendões e bursite. Um empregado disse que seu dedo mindinho foi cortado em um acidente de trabalho com uma serra.

Tabela 6: Resumo dos resultados da entrevista, JBS Pimenta Bueno

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|--|--|
| 89% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 67% ▶ não faziam as pausas exigidas por lei |
| 56% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 100% ▶ faziam horas extras |
| 89% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 22% ▶ disseram não receber EPI adequado |
| | 88% ▶ relataram desconforto térmico periódico |

A maioria dos trabalhadores da planta afirmou que sempre foram fornecidos EPIs adequados, mas alguns indicaram que poderia levar algum tempo para que os equipamentos estivessem disponíveis após ser solicitados, e que eram de baixa qualidade.

Os depoimentos nessa fábrica também mencionaram um ambiente de trabalho tenso, e algumas pessoas apontaram um grau de hostilidade da empresa às atividades sindicais:

“Os trabalhadores não têm voz; nós não podemos questionar nada, tem muita retaliação.”

“Eles não acham que [a atividade sindical] seja boa; eles nos irritam, mas não intervêm.”

A Marfrig Mato Grosso do Sul

Em agosto de 2022, a Marfrig inaugurou a maior fábrica de hambúrgueres do mundo em Bataguassu, no Mato Grosso do Sul.¹⁷¹ Fizemos a maioria das entrevistas (17) no abatedouro regular da Marfrig na cidade, um dos primeiros adquiridos pela empresa.¹⁷² Um ano depois, a Minerva anunciou que havia assumido o controle da unidade.¹⁷³

A Tabela 7 apresenta os principais resultados de 22 entrevistas com trabalhadores do abatedouro e da unidade de processamento de hambúrgueres da Marfrig em Bataguassu.¹⁷⁴

Tabela 7. Resumo dos resultados das entrevistas, Marfrig Bataguassu

Dos trabalhadores entrevistados:

| | |
|--|--|
| 95% ▶ relataram problemas de saúde relacionados ao trabalho | 36% ▶ não faziam as pausas exigidas por lei |
| 36% ▶ haviam sofrido acidentes de trabalho | 73% ▶ faziam horas extras |
| 59% ▶ haviam sido expostos a vazamentos de amônia | 32% ▶ disseram não receber EPI adequado |
| | 95% ▶ relataram desconforto térmico periódico |

Hambúrgueres da Marfrig para o McDonald's

No Brasil, as unidades da Marfrig abastecem grandes redes de fast-food, como McDonald's e Burger King. Dez unidades brasileiras estão certificadas para fornecer carne ao McDonald's, sendo uma específica para hambúrgueres.¹⁷⁵

Trabalhadores da fábrica de hambúrgueres de Bataguassu relataram que representantes do McDonald's visitam as instalações quase todos os meses. Um empregado disse: “Eles [McDonald's] deram a entender que priorizam os empregados, mas a Marfrig não. Eles [Marfrig] ficam ansiosos quando os fiscais chegam porque fazem muitas perguntas. O supervisor fica ao lado dos trabalhadores. Quem é que vai falar numa situação como essa?”

Em resposta a essas e outras constatações, o McDonald's disse que “verifica o cumprimento dos mais elevados padrões de conformidade, direitos humanos e qualidade em toda a sua cadeia produtiva”. A empresa solicitou “esclarecimentos ao fornecedor sobre as questões levantadas pelo relatório”.

Rotinas dolorosas

Ritmo acelerado de trabalho, cortes em dedos e mãos, dor nas costas, temperaturas extremamente baixas, ansiedade e depressão fazem parte do dia a dia dos empregados da Marfrig.

“O trabalho é muito corrido; tinha dias em que eu tirava meu uniforme e tudo estava dolorido e queimado”, disse um trabalhador.

Outra trabalhadora contou que precisava continuar trabalhando, mesmo chorando de dor, e às vezes realizava tarefas que não estavam na descrição de seu cargo. Em licença médica havia quatro meses por ansiedade e depressão, ela disse que desmaiou dentro da fábrica e, ao voltar mais tarde para pegar seus pertences, foi obrigada a trabalhar: “É muita pressão e vai passando muito rápido. Eu estava chorando de dor, mas, mesmo assim, eles me colocaram para trabalhar.”

Ministério Público do Trabalho confirma problemas

A Marfrig negou ter qualquer problema no local de trabalho: “As afirmações sobre pressão psicológica, ritmo acelerado e acidentes de trabalho não refletem a realidade. As atividades dos empregados são realizadas dentro dos padrões legais de segurança, ergonomia e saúde, sem ritmo acelerado de trabalho, metas estabelecidas ou impostas, ou jornadas de trabalho extenuantes.”

No entanto, uma fiscalização do Ministério Público do Trabalho em novembro de 2022 constatou irregularidades relativas à ergonomia, disponibilidade de EPI e medidas de proteção para a operação de máquinas.¹⁷⁶ “Trabalhar em frigoríficos expõe os trabalhadores a riscos elevados, comprometendo sua saúde e sua segurança. A Marfrig em Bataguassu não vem adotando medidas suficientes para reduzir e/ou eliminar os riscos”, conclui o relatório da fiscalização.¹⁷⁷

Uma inspeção anterior realizada pelo Ministério Público do Trabalho em 2019 na mais antiga das duas plantas de Bataguassu, o abatedouro, “encontrou situações de risco grave e iminente, ameaçando a integridade física, a saúde e a vida das pessoas”.¹⁷⁸ O órgão constatou que, entre 2018 e 2019, foi apresentado naquela unidade um número “muito elevado”, de mais de 1.500 de atestados médicos de doenças osteomusculares. Reportagens informando que o abatedouro da Marfrig em Bataguassu tem cerca de 1.300 trabalhadores reforçam a ideia de que 1.500 casos de doenças osteomusculares em dois anos representam, de fato, um número elevado.¹⁷⁹

Inadequação de EPIs

Empregados da Marfrig de Bataguassu relataram trabalhar em baixas temperaturas, entre 6° C e 9 °C, sem que todos recebessem vestimentas de trabalho adequadas, como blusões, para se manter aquecidos nessas condições: “Às vezes a lavanderia fornece blusões, mas nem sempre, e eles não têm suficiente para todos.”

Segundo a NR-36, “o empregador deve fornecer vestimentas de trabalho de maneira que [...] os trabalhadores possam dispor de mais de uma peça de vestimenta, para utilizar de maneira sobreposta, a seu critério, e em função da atividade e da temperatura do local, atendendo às características higiênico-sanitárias legais e ao conforto térmico”.¹⁸⁰

Em resposta, a empresa disse que fornece uniformes, blusões, jaquetas, toucas, luvas, meias e botas térmicas aos trabalhadores.

Ruído

Os trabalhadores também relataram barulho intenso no interior das plantas. “É muito barulhento, mesmo com protetores de ouvido”, disse um deles. Durante a fiscalização do Ministério Público do Trabalho em 2019, a empresa havia apresentado a mesma avaliação de ruído para trabalhos diversos – por exemplo, tanto para a limpeza quanto para lidar com equipamentos barulhentos, como serras, nos abatedouros. Segundo o Ministério Público, está claro que os níveis de ruído a que os trabalhadores estavam expostos não poderiam ser os mesmos nessas situações; além disso, os números relatados excediam os limites aceitáveis.

A Marfrig nega qualquer problema em relação a exposição a ruído e as notificações correspondentes: “Em todas as fiscalizações, inclusive na última, realizada em novembro de 2022, nada foi apontado em termos de exposição a ruído”.

Exposição a agentes de descontaminação

Um trabalhador relatou alta exposição ao ácido láctico, que é usado na fase pós-abate para descontaminar a carne.¹⁸¹ Segundo ele, mesmo quando os trabalhadores usam EPI, o ácido “queima a pele e os olhos. As nossas botas ficam amarelas, e se as nossas botas ficam amarelas, imagina os nossos pulmões.” Seus braços apresentam marcas vermelhas, e coçam.

A Marfrig afirma que não expõe os trabalhadores a agentes químicos acima dos limites legais e que todos os empregados recebem EPI. Afirma, ainda, que “o ambulatório da unidade de Bataguassu não recebeu quaisquer relatos ou reclamações de empregados relacionados a sintomas decorrentes de dores nos olhos devido ao uso de compostos químicos nas etapas de produção”.

Os trabalhadores relataram que a Marfrig transfere os trabalhadores que informam ter algum tipo de doença para a lavanderia, que é considerada um trabalho “mais leve”, para evitar seu afastamento e a emissão de CATs exigidas por lei. Um deles disse: “Várias pessoas trabalham na lavanderia com pés e mãos machucados, e alguns trabalhadores ficaram lá por três meses com o braço quebrado”. Os entrevistados disseram que os médicos geralmente evitam emitir CATs e mencionaram que um médico que as emitiu foi demitido.

A Marfrig afirma: “Não há histórico de não emissão de CATs. A realocação de empregados com restrições médicas temporárias é dever da empresa e visa a saúde e o bem-estar dos trabalhadores.”

6. Discussão final e recomendações

Dez anos depois de o Brasil ter aprovado **legislação para melhorar as problemáticas condições de saúde e segurança** no local de trabalho em frigoríficos, os trabalhadores desse setor fundamental da economia **do país ainda arriscam sua saúde e sua segurança todos os dias**. Estatísticas governamentais, relatórios de fiscalização, ações judiciais e entrevistas com empregados de frigoríficos das maiores empresas, representantes de governos e especialistas em direitos trabalhistas mostram que a **indústria brasileira de processamento de carne bovina está enfrentando alta frequência de acidentes de trabalho, alta prevalência de doenças e lesões relacionadas ao trabalho, e até vítimas fatais**.

Principais questões

Saúde e segurança

Mesmo frigoríficos considerados dos mais modernos do Brasil, como a unidade de hambúrgueres da Marfrig em Bataguassu (MS), enfrentam problemas de saúde e segurança no trabalho. Os trabalhadores entrevistados naquela unidade e no abatedouro da empresa na mesma cidade relataram mais problemas de saúde (95%) do que a média da nossa amostra total (84%). A unidade de abate, que emprega 1.300 trabalhadores, destacou isso ao registrar 1.500 atestados médicos para doenças osteomusculares entre 2018 e 2019.

Em todas as fábricas onde fizemos entrevistas, os trabalhadores se queixam de doenças osteomusculares, como lesões ou dores nas articulações, ligamentos, músculos, nervos e tendões. Os problemas de saúde relatados variam, indo desde cortes e cicatrizes causados por máquinas até ansiedade, ataques de pânico e depressão, passando por náuseas, dores de cabeça e desmaios. Em casos extremos, essas questões, ou várias delas combinadas, levaram à incapacitação permanente para o trabalho.

Acidentes

Entre os entrevistados da unidade da JBS em Pimenta Bueno, 89% foram expostos a vazamentos de amônia e 56% disseram ter sofrido acidentes de trabalho. Esses percentuais estão bem acima das respectivas médias relatadas por todos os trabalhadores entrevistados, de 65% e 40%.

A categoria de acidentes mais notificada no setor é a de cortes, lacerações, ferimentos, contusões e esmagamentos. Quanto ao número oficial de acidentes fatais no abate de bovinos, foram 13 casos em 2021.

Exposição ao frio e ruído

As baixas temperaturas e os elevados níveis de ruído a que os trabalhadores dos frigoríficos são expostos afetam negativamente o seu bem-estar e têm um papel importante na grande quantidade de problemas de saúde e segurança que assolam o setor. Além de causar estresse, riscos de perda auditiva e zumbido, a exposição ao ruído em níveis elevados e durante várias horas por dia pode causar irritabilidade, perda de concentração e redução da velocidade dos reflexos, fatores conhecidos por levarem a mais acidentes.

Da mesma forma, a exposição a baixas temperaturas nos frigoríficos resulta em maior vulnerabilidade a infecções (resfriados, bronquite, pneumonia), lesões de pele e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, incluindo lesões por esforço repetitivo (LER). Quase todos os trabalhadores entrevistados (93%) relataram sentir desconforto térmico, e 26% não haviam recebido EPIs adequados. A questão de os trabalhadores sentirem frio também foi apontada como irregularidade nas recentes inspeções do governo em algumas unidades da JBS e da Marfrig.

Para agravar o problema dos locais de trabalho frios e barulhentos, o EPI, incluindo blusões, luvas e protetores de ouvido, nem sempre está disponível ou é de qualidade adequada.

Pressão internacional

Dois eventos recentes em nível internacional aumentaram a pressão para que o Brasil, com suas lucrativas exportações de carne bovina, intensifique os esforços para melhorar as condições de trabalho no processamento de carne. Em primeiro lugar, o direito a um ambiente de trabalho seguro e saudável foi incluído na Declaração sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2022.¹⁸² A decisão significa que todos os países membros da OIT se comprometem a respeitar e promover o direito fundamental a um ambiente de trabalho seguro e saudável, tenham ou não ratificado convenções específicas da organização.

Em segundo lugar, em fevereiro de 2023, a União Europeia reiterou que as condições de trabalho no Mercosul, o bloco socioeconômico formado por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, são preocupantes como obstáculos ao avanço das negociações sobre um acordo de livre comércio entre os dois blocos.¹⁸³

Esses eventos mostram uma preocupação crescente com o respeito aos direitos dos trabalhadores em nível internacional. No entanto, uma série de fatores dificulta o cumprimento dos direitos trabalhistas no setor da carne, incluindo o direito à saúde e à segurança, questões que discutiremos a seguir.

Desafios da indústria

O primeiro desafio importante é que o Brasil provavelmente continuará aumentando a produção para atender ao crescimento projetado da demanda por carne bovina. De acordo com as partes interessadas ouvidas nas entrevistas, quanto maior for a demanda, mais haverá pressão para que os trabalhadores sejam mais produtivos. Isso, por sua vez, aumenta ainda mais os já elevados riscos de acidentes, lesões e doenças que afetam os trabalhadores do setor.

Reduzir a pressão pela produção e a jornada de trabalho em geral seria a forma mais eficaz de enfrentar os principais problemas de saúde e segurança no local de trabalho nessa indústria. No entanto, essas medidas também afetariam negativamente a capacidade produtiva, e a produção já estagnou nos últimos anos.

Em segundo lugar, o setor de carne bovina do Brasil parece incapaz e, até agora, pouco disposto a melhorar a saúde e a segurança dos trabalhadores. A indústria frigorífica do país recebeu críticas generalizadas pelo seu comportamento irresponsável durante a crise da covid-19, ao mesmo tempo em que suas receitas cresciam de US\$ 34,7 bilhões em 2020 para US\$ 40,8 bilhões em 2021.

Ao não tomar medidas de proteção adequadas, o setor cumpriu um papel importante na propagação do vírus em nível nacional. Mesmo assim, os trabalhadores foram chamados a aumentar a produção para compensar aqueles que faltaram por estar doentes e para atender ao aumento da demanda global.

Os problemas causados pela covid-19 pioraram ainda mais as já graves questões de saúde e segurança que a indústria não tem conseguido resolver adequadamente há

muito tempo, incluindo a contenção de vazamentos de amônia. Os detalhes do acidente ocorrido em 2021 na JBS de Pimenta Bueno, discutidos no Capítulo 5, ilustram como os efeitos desse tipo de vazamento podem ser devastadores para a saúde dos trabalhadores.

Até agora, a indústria parece mais preocupada com aumentar a produção e administrar sua reputação do que com melhorar a saúde e a segurança no local de trabalho. As respostas das empresas às nossas constatações mostram que a indústria atualmente se encontra em negação.

As empresas têm apoiado medidas para fragilizar a NR-36, resistem à classificação do trabalho em frigoríficos como insalubre, são hostis à organização sindical, oprimem e demitem trabalhadores que buscam melhoria e cumprimento de seus direitos, e enganam a fiscalização trabalhista.

Comparando informações de incidência em nível nacional

Existem grandes diferenças entre a incidência de acidentes e problemas de saúde ocupacional descritos nas entrevistas que realizamos para este relatório e as estatísticas nacionais. A subnotificação nas estatísticas nacionais explica, em parte, essas diferenças. Outro fator é provavelmente a forma como as perguntas são feitas. Ao contrário das estatísticas oficiais, as nossas entrevistas não indagaram sobre problemas de saúde ocorridos em um ano específico. Com os trabalhadores podendo considerar períodos mais longos como referência, isso pode ter resultado em uma maior incidência de relatos em nossas entrevistas.

Um efeito de viés de seleção também pode ter aumentado os relatos de acidentes e doenças em nossas entrevistas em relação aos relatórios oficiais. Os trabalhadores que tiveram problemas de saúde no local de trabalho, principalmente os graves, podem estar mais motivados a participar de entrevistas do que aqueles com pouco ou nenhum histórico pessoal desse tipo. Pode ser o caso de entrevistados que corram risco de ter problemas com a administração das empresas.

Comparando relatórios de incidência internacionalmente

A pesquisa para este relatório se concentrou especificamente na incidência de acidentes e lesões no local de trabalho no setor de processamento de carne brasileiro. No entanto, para contextualizar as nossas conclusões, procuramos dados comparativos recentes de outros países. Essa busca identificou apenas um país onde houve pesquisa independente semelhante, baseada em entrevistas e centrada na saúde e na segurança no setor da carne: a Irlanda.¹⁸⁴ Os resultados irlandeses sugerem condições semelhantes de saúde e segurança nos dois países.

A comparação das estatísticas oficiais de saúde e segurança no trabalho entre países é problemática devido às diferentes definições e agregações disponíveis. A União Europeia, por exemplo, publica estatísticas apenas para a produção de alimentos como um todo e notifica somente acidentes que resultem em mais de quatro dias de ausência. A comparação das estatísticas da União Europeia sobre a produção de alimentos com as do processamento de carne no Brasil sugere uma incidência relativamente alta de acidentes fatais e não fatais no Brasil.¹⁸⁵

Como vimos, o trabalho em frigoríficos no Brasil é relativamente mais problemático para a saúde e a segurança do que a maioria dos outros setores, incluindo a fabricação de alimentos. Portanto, é previsível que haja maior incidência de acidentes de trabalho e problemas de saúde no setor da carne brasileiro do que na produção de alimentos como um todo na União Europeia. Também é provável que a categorização mais rigorosa dos acidentes por parte da UE gere essas diferenças.

Propostas

Os atores envolvidos na indústria frigorífica brasileira que foram entrevistados para esta pesquisa concordam que o diálogo, a prevenção e a fiscalização são fundamentais para resolver os problemas que afetam o setor. Eles destacam três propostas para enfrentar áreas problemáticas: pausas para recuperação, exercícios no local de trabalho e redução da jornada de trabalho e das horas extras. A seguir, consideramos essas e outras medidas potencialmente importantes, antes de apresentar recomendações específicas para empresas e para as autoridades brasileiras.

Pausas

Empregadores e as autoridades brasileiras deveriam defender e garantir pausas de recuperação psicofisiológica nos frigoríficos. A NR-36 exige pausas diárias de 60 minutos, divididas em seis períodos de 10 minutos ou três períodos de 20 minutos.

Nas palavras de Artur Bueno, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação, “alguns grupos do setor frigorífico querem reduzir essas pausas. Os sindicalistas entendem que elas não podem ser reduzidas.”

Apenas 4,8% dos trabalhadores que entrevistamos para este relatório disseram fazer pausas conforme exigido por lei. Ouvimos relatos de empregados que assinavam os cartões de ponto como se tivessem feito pausas regulares, quando, na verdade, os supervisores os pressionavam para continuar trabalhando durante as pausas.

Exercícios no local de trabalho

Outro foco importante para melhorar a saúde e a segurança no setor seria garantir exercícios no local de trabalho para reduzir a incidência de LER. Uma questão importante é que os trabalhadores das câmaras frias fazem 90 movimentos por minuto, enquanto o número máximo recomendado para evitar problemas de saúde é um terço disso.

As empresas devem garantir que seus trabalhadores façam exercícios físicos obrigatórios durante o expediente, no próprio local de trabalho, para prevenir LER e doenças profissionais¹⁸⁶ (79% dos nossos entrevistados não praticavam nenhum exercício durante o expediente).

Redução da jornada

Longas jornadas de trabalho, incluindo horas extras, são outro importante problema de saúde e segurança no local de trabalho a ser enfrentado. Nas entrevistas, 87% disseram fazer horas extras, e quase todos os trabalhadores das unidades da JBS as faziam (97%). Na verdade, esse tema é objeto de várias ações na justiça que sustentam que pelo menos alguns aspectos do trabalho em frigoríficos são insalubres e que, portanto, as horas extras nesse tipo de trabalho são ilegais.¹⁸⁷

O procurador do Trabalho Leomar Daroncho considera que a média de horas trabalhadas nos frigoríficos deve ser reduzida, principalmente para as “atividades mais prejudiciais, que apresentam o maior número de acidentes, e os mais graves”. Ele observa: “Há um movimento dos sindicatos, com o apoio de especialistas e juízes do trabalho e acompanhado pelo Ministério Público do Trabalho, para abrir a discussão para a redução da jornada de trabalho no setor”.

Fiscalizações trabalhistas

Os atores concordam com a necessidade de melhorar a qualidade e aumentar a quantidade das inspeções trabalhistas nas plantas frigoríficas. A atual capacidade de fiscalização por parte do Estado é fraca demais para que se faça um número suficiente de inspeções eficazes. É bem-vindo o anúncio feito pelo governo em 2023, de que pretende contratar novos fiscais do trabalho pela primeira vez desde 2013.¹⁸⁸ Há também a necessidade de que as inspeções não anunciadas se tornem a norma, em vez do sistema atual, em que a maioria é anunciada com antecedência, permitindo que as empresas se preparem antecipadamente para ocultar a realidade no local de trabalho.

Enfrentando a subnotificação

A implementação mais eficaz do sistema de registro de acidentes e doenças no local de trabalho também é crucial para melhorar as condições no setor frigorífico. Para este fim, entrar com ações judiciais contra empresas que subnotificam pode ajudar a dar mais transparência ao problema.

“As ações coletivas podem proteger os trabalhadores”, disse o presidente do SINTRA-INTRA, Marcos Cardoso dos Santos.

Diálogo social

Para Artur Bueno, da Confederação dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação, um passo importante seria superar a atual resistência das empresas a trabalhar com os sindicatos para melhorar a saúde e a segurança no setor: “Condições de trabalho saudáveis e seguras são do interesse das empresas, pois os trabalhadores produzem melhor e fazem suas atividades com muito mais confiança.”

Recomendações às empresas

- ▶ Cumprir todas as regras de saúde e segurança estabelecidas pela Norma Regulamentadora 36 (NR-36). Especificamente, prestar atenção ao cumprimento de pausas de recuperação psicofisiológica, exercícios no local de trabalho e limites da jornada.
- ▶ Observar outras normas regulamentadoras pertinentes, principalmente a NR-01 (Disposições Gerais e Gerenciamento de Riscos Ocupacionais), a NR-07 (Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional – PCMSO) e a NR-09 (Avaliação e Controle da Exposição Ocupacional a Agentes Físicos, Químicos e Biológicos).
- ▶ Eliminar o assédio no local de trabalho. Devem cessar as práticas de punir, pressionar e/ou constranger os trabalhadores portadores de doenças profissionais ou acidentados e aqueles que ajuízem ações coletivas com os sindicatos locais.
- ▶ Estabelecer um diálogo estrutural com os representantes dos trabalhadores – sindicatos locais e nacionais, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação, CNTA – e programas e órgãos governamentais, como a iniciativa Trabalho Seguro, do Tribunal Superior do Trabalho, para monitorar e melhorar as condições de saúde e segurança nos locais de trabalho.
- ▶ Fazer a notificação eficaz de acidentes de trabalho e doenças profissionais, registrando todas as CATs pertinentes.
- ▶ Apoiar o debate sobre a necessidade de reduzir a jornada normal de trabalho no setor.
- ▶ Contribuir com dados para análises técnicas sobre atividades no local de trabalho que deveriam ser consideradas insalubres e, portanto, nas quais não se deveriam permitir horas extras (a menos que autorizadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego ou por acordos coletivos).

Recomendações às autoridades brasileiras

- ▶ Ao Ministério do Trabalho e ao Governo Federal: Aumentar o número de fiscais do trabalho e a capacidade de fiscalização nos abatedouros, inclusive por meio da contratação de mais pessoal.
- ▶ Ao Ministério do Trabalho e ao Ministério Público do Trabalho: Garantir inspeções periódicas e sem aviso prévio dos locais de trabalho, realizadas por fiscais independentes e treinados.
- ▶ Ao Ministério Público do Trabalho: Garantir que as empresas cumpram a legislação trabalhista celebrando acordos (termos de ajustamento de conduta) com elas e realizando auditorias e inspeções para verificar os avanços.
- ▶ Ao Tribunal Superior do Trabalho e parceiros do programa: Fortalecer e difundir o

programa Trabalho Seguro, cujo tema para 2023/2024 é “Democracia e Diálogo Social como ferramentas para construção de meio ambiente de trabalho saudável e seguro”.

- ▶ Ao Governo Federal: Regulamentar a redução da jornada de trabalho nos frigoríficos, principalmente para as atividades mais inseguras e insalubres que apresentem alta prevalência de acidentes de trabalho, doenças profissionais e lesões.



Notas finais

1. Ministério do Trabalho e da Previdência Social, relatório sobre a NR-36: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/seguranca-e-saude-no-trabalho/relatorios-air/relatorio-air-nr-36.pdf>
2. Ministério do Trabalho e da Previdência Social, Norma Regulamentadora 36 (NR-36): <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/normas-regulamentadora/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-36-nr-36>
3. “Um antes e um depois da NR36”, Rel-UITA, 29 de março de 2021, acessado em 5 de setembro, <http://rel-uita.org.br/um-antes-e-um-depois-da-nr36/>
4. A NR 36 começou a ser implementada seis meses após a publicação, mas alguns dos artigos (aqueles que exigiam alterações nas instalações das empresas) só entraram em vigor dois anos após a publicação. https://www.anamt.org.br/site/upload_arquivos/legislacao_-_leis_16122013113127055475.pdf
5. Sobre receitas e a contribuição do setor da carne bovina para o PIB, ver Abiec, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023-capitulo-05-quantificacao-da-cadeia-2/>. Sobre receitas de outros segmentos da indústria da carne, ver <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2023/04/ABPA.-Anual-Report-2023.pdf>
6. IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/historico>
7. Repórter Brasil, dois exemplos: <https://reporterbrasil.org.br/2023/02/carrefour-distribui-em-todo-o-pais-carne-de-regioes-desmatadas-na-amazonia/> e <https://reporterbrasil.org.br/2022/11/jbs-admite-ter-comprado-quase-9-mil-bois-ilegais-do-maior-desmatador-do-pais/>
8. 2022, Marfrig, “Marfrig inaugura unidade de produção de hambúrguer em Bataguassu, no Mato Grosso do Sul”: <https://www.marfrig.com.br/pt/noticias/inauguracao-bataguassu-hamburger>
9. Global Witness. (2024). The Cerrado crisis: Brazil’s deforestation frontline. <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/forests/the-cerrado-crisis-brazils-deforestation-frontline/>; Chain Reaction Research. (2021). Key Cerrado Deforesters in 2020 Linked to the Clearing of More Than 110,000 Hectares.
10. Em Vilhena, o primeiro contato com os trabalhadores ocorreu fora da fábrica, quando a equipe foi acompanhada pelo sindicato, que nos orientou para que adotássemos essa abordagem. Poucos minutos depois de nossa chegada, empregados do departamento de recursos humanos da unidade da JBS apareceram para conversar com o presidente do sindicato, afastando os trabalhadores de seus representantes. No entanto, conseguimos marcar encontros posteriores com alguns trabalhadores para entrevistas fora do local de trabalho, onde eles pudessem falar livremente. Isso nos levou a evitar tentar fazer mais entrevistas em frente a locais de trabalho.
11. OCDE-FAO Perspectivas Agrícolas 2023-2032, Carne, <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/3aee49a2-es/index.html?itemid=/content/component/3aee49a2-es>
12. USDA, Livestock and Poultry: World Markets and Trade, 2023
13. USDA, Livestock and Poultry: World Markets and Trade, 2023
14. USDA, Livestock and Poultry: World Markets and Trade, 2023
15. USDA, Livestock and Poultry: World Markets and Trade, 2023
16. Brasil, Ministério do Trabalho e Emprego, Relação Anual de informações sociais (RAIS), 2021
17. BGE. (2023). Livestock quarterly surveys: cattle slaughter and that of hogs and pigs were record in Q3 2023. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/38566-trimestrais-da-pecuaria-abate-de-bovinos-e-de-suinos-foram-recordes-no-3-trimestre-de-2023>
18. JBS. Corporate Profile. <https://ri.jbs.com.br/en/jbs/corporate-profile/>. Accessed on 22 April 2024; Marfrig. Home, <https://www.marfrig.com.br/en/home>. Accessed on 22 April 2024; Minerva. Corporate Profile. <https://ri.minervafoods.com/en/corporate-profile/>. Accessed on 22 April 2024; Tyson Foods. Facts. <https://ir.tyson.com/about-tyson/facts/default.aspx>. Accessed on 22 April 2024.
19. WATT Poultry International, março de 2023, https://www.poultryinternational-digital.com/poultryinternational/march_2023/MobilePagedReplica.action?pm=2&folio=4#pg6
20. Genesus, World’s MEGA Producers 2023, https://www.pig333.com/3tres3_common/art/pig333/19435/fitxers/2023-World-Mega-Producer.pdf
21. OCDE-FAO Perspectivas Agrícolas 2023-2032, Carne, <https://www.oecd-ilibrary.org/sites/3aee49a2-es/index.html?itemid=/content/component/3aee49a2-es>
22. Human Rights Watch, Workers’ Rights in U.S. Meat and Poultry Plants (2004): <https://www.hrw.org/report/2005/01/25/blood-sweat-and-fear/workers-rights-us-meat-and-poultry-plants>
23. Oxfam, No Relief: Denial Of Bathroom Breaks In The Poultry Industry https://s3.amazonaws.com/oxfam-us/www/static/media/files/No_Relief_Embargo.pdf
24. Documentário da Repórter Brasil: Carne, Osso (2011): <https://vimeo.com/117457305>
25. Friends Of The Earth Europe. Brazilian meat and the EU-Mercosur agreement. <https://friendsoftheearth.eu/wp-content/uploads/2021/03/Brazilian-meat-and-the-EU-Mercosur-agreement-Media-Briefing-EN.pdf>
26. Reuters. (2023). Brazilian union sues JBS over alleged exploitation of chicken workers. <https://www.reuters.com/business/retail-consumer/brazilian-union-sues-jbs-over-alleged-exploitation-chicken-workers-2023-07-14/>
27. EFFAT. (2020). Hungry for fairness: raising standards in the meat sector. EFFAT’s 10 demands for action at EU level. <https://effat.org/wp-content/uploads/2020/09/Hungry-for-fairness-raising-standards-in-the-meat-sector-10-demands-EN.pdf>
28. Migrant Rights Centre Ireland. (2020). Working to the bone. The experiences of migrant workers in the meat sector in Ireland. https://www.mrci.ie/app/uploads/2020/11/Report_Working-to-the-bone_final.pdf
29. The Guardian. (2021). ‘The whole system is rotten’: life inside Europe’s meat industry. <https://www.theguardian.com/environment/2021/sep/28/the-whole-system-is-rotten-life-inside-europes-meat-industry>
30. Finnwatch. (2015). Employment available in exchange for debt. Working conditions in the Thai broiler industry. www.finnwatch.org/images/pdf/chickenproductionThailand.pdf
31. Investigation of superspreading COVID-19 outbreak events in meat and poultry processing plants in Germany: A cross-sectional study, <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0242456>
32. Clayson, A , et al (2022) A Systematic Review of Risk Factors for Workplace Outbreaks of COVID-19 <https://documents.manchester.ac.uk/display.aspx?DocID=62346>
33. A perfect storm: COVID-19 and the reorganisation of the German meat industry, <https://hdl.handle.net/1814/74846>
34. Saitone, T et al Food Policy 2021 May (2021) COVID-19 morbidity and mortality in U.S. meatpacking counties. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8026277/>; os 50 estados têm 143 condados e equivalentes
35. Investigate Midwest. (2021). USDA study shows working conditions in meatpacking plants likely drove coronavirus outbreaks <https://investigatemidwest.org/2021/10/06/usda-study-shows-working-conditions-in-meatpacking-plants-likely-drove-coronavirus-outbreaks/>
36. ProPublica, ‘The Plot to Keep Meatpacking Plants Open During COVID-19’: <https://www.propublica.org/article/documents-covid-meatpacking-tyson-smithfield-trump>

37. The Intercept Brasil, 'JBS racionaliza máscaras para empregados após frigoríficos causarem surtos de covid-19.' <https://www.intercept.com.br/2020/08/06/jbs-frigorificos-mascaras-covid/>
38. Brasil de Fato, Mortes, sequelas e trabalho exaustivo: o rastro da covid-19 em grandes frigoríficos (2021): <https://www.brasil-defato.com.br/2021/11/15/especial-mortes-sequelas-e-trabalho-exaustivo-o-rastro-da-covid-19-em-grandes-frigorificos>
39. Esses acordos são chamados de "Termos de Ajustamento de Conduta", instrumento usado pelo Ministério Público. Neste caso, visa garantir medidas de proteção contra a Covid-19.
40. Migrant Rights Centre Ireland.
41. EUROSTAT. Non-fatal accidents at work by NACE Rev. 2 activity and sex. EUROSTAT, https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/product/page/hsw_n2_01__custom_9888493
42. EUROSTAT. Fatal Accidents at work by NACE Rev. 2 activity. EU-ROSTAT, https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/product/page/hsw_n2_02__custom_9888163
43. EUROSTAT. Non-fatal accidents at work by NACE Rev. 2 activity and sex.
44. EUROSTAT. Non-fatal accidents at work by NACE Rev. 2 activity and sex.
45. Esta categoria inclui o abate de gado e a fabricação de produtos de carne.
46. Ministério do Trabalho e da Previdência Social, relatório sobre a NR-36: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/seguranca-e-saude-no-trabalho/relatorios-air/relatorio-air-nr-36.pdf>
47. Smart Lab <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=perfilCasosAcidentes>. Para esta avaliação, foram combinadas as incidências relativas em três categorias: abate de bovinos, abate de suínos e processamento de frango e carne.
48. Ministério da Previdência Social, 1.1 - Quantidade de acidentes do trabalho por situação do registro e motivo, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), no Brasil - 2019/2021, <https://tinyurl.com/yeebavyd>; RAIS, comunicação pessoal sobre o número de trabalhadores por categoria relevante.
49. Ministério da Previdência Social, 29.1 - Quantidade de acidentes do trabalho liquidados, por consequência, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), no Brasil - 2019/2021, <https://tinyurl.com/yck4dtwk>; RAIS, comunicação pessoal sobre o número de trabalhadores por categoria relevante.
50. Em 2018, o índice de lesões na indústria de transformação como um todo foi de 17.2%, com duas vítimas fatais.
51. WHSQ. Meat processing compliance campaign 20222023 findings. <https://www.worksafe.qld.gov.au/laws-and-compliance/compliance-and-enforcement/industry-interventions-and-campaigns/manufacturing-industry-interventions-and-campaigns/meat-processing-campaign>
52. Abiec, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023-capitulo-05-quantificacao-da-cadeia-2/>
53. Taxas de câmbio no meio do ano, entre 2018 e 2022, www.xe.com
54. Abiec, Beef Report (2022): https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Beef-Report-2022_atualizado_jun2022.pdf
55. Abiec, Beef reports 2019-2023 Abiec, Beef Report (2019): <https://www.abiec.com.br/en/publicacoes/beef-report-2019-2/>, valores em reais convertidos ao dólar pela taxa de câmbio de 31/12/2018, disponível no Banco Central do Brasil (<https://www.bcb.gov.br/conversao>)
56. Este relatório usa o termo "frigorífico(s)" para se referir a empresas de frigoríficos e não a trabalhadores individuais de frigoríficos.
57. Abiec, Beef Report 2023, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023-capitulo-05/>
58. Abiec, Beef Report 2023, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023/>
59. Abiec, Beef Report 2022, https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Beef-Report-2022_atualizado_jun2022.pdf e Abiec, Beef Report 2023, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023-capitulo-05/>
60. Valor Econômico, Veja a lista das 100 maiores empresas do agronegócio do Brasil (2022): <https://forbes.com.br/forbes-agro/2022/01/veja-a-lista-forbes-as-100-maiores-empresas-do-agro/>
61. Os frigoríficos vão ajudar a zerar o desmatamento na Amazônia (Imazon) 2017: <https://imazon.org.br/publicacoes/os-frigorificos-vao-ajudar-o-desmatamento-da-amazonia/>
62. O Globo, Minerva compra ativos da rival Marfrig por R\$ 7,5 bi e se aproxima da líder JBS em abate bovino (2023): <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2023/08/29/minerva-compra-unidades-da-marfrig-em-quatro-paises-da-america-latina-por-r-75-bilhoes.ghtml>
63. Apresentação do Minerva Day 2023, 28/11/2023, <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/7f2b381f-831b-4aed-b111-417a5585b53b/5340ca5e-1ad5-fd87-d2c4-0d935d3c5f8b?origin=1, p. 9>
64. Mongabay, Frigorífico cresce com ajuda do Banco Mundial, mas falha em reduzir impacto na Amazônia, 2020: <https://brasil.mongabay.com/2020/07/frigorifico-cresce-com-financiamento-do-banco-mundial-mas-falha-em-reduzir-os-impactos-na-amazonia/>
65. JBS, Nossos negócios: <https://jbs.com.br/sobre/negocios/>
66. Formulário de Referência JBS 01/01/2023 v2: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/043a77e1-0127-4502-bc5b-21427b991b22/7cd77e76-064f-0674-7994-a371b4bce4a0?origin=1>
67. JBS, Sobre: <https://jbs.com.br/sobre/>
68. Marfrig. Home. <https://www.marfrig.com.br/pt>
69. Marfrig. Quem somos. <https://www.marfrig.com.br/pt/quem-somos>.
70. Marfrig, Nossa história: <https://www.marfrig.com.br/pt/nossa-historia>
71. Exame, Marfrig, maior produtora de hambúrguer do mundo, terá 20% da receita em industrializados (2022): <https://exame.com/invest/mercados/marfrig-maior-produtora-de-hamburguer-do-mundo-tera-20-da-receita-em-industrializados/>
72. Marfrig: <https://www.marfrig.com.br/pt/certificacoes>
73. <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/7f2b381f-831b-4aed-b111-417a5585b53b/5340ca5e-1ad5-fd87-d2c4-0d935d3c5f8b?origin=1>
74. Minerva: <https://ri.minervafoods.com/perfil-corporativo/>
75. JBS <https://jbs.com.br/sobre/nossos-negocios/>; Minerva Food Business <https://minervafoods.com/>; Marfrig <https://www.marfrig.com.br/pt/marcas/bona-pet>
76. O Nexo, O histórico da produção de carne no Brasil (2023): <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2023/04/24/o-hist%C3%B3rico-da-produ%C3%A7%C3%A3o-de-carne-no-Brasil>
77. Repórter Brasil, <https://reporterbrasil.org.br/2022/11/jbs-compra-gado-de-fazenda-com-desmatamento-que-depois-foi-alvo-de-incendio>
78. G1, Pará tem cinco entre os 10 municípios que mais desmataram na Amazônia Legal em junho, diz Inpe (2022): <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2022/07/08/para-tem-cinco-entre-os-10-municipios-que-mais-desmataram-na-amazonia-legal-em-junho-diz-inpe.ghtml>
79. Imazon, Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, Políticas para desenvolver a pecuária na Amazônia sem desmatamento (2020): <https://imazon.org.br/publicacoes/politicas-para-desenvolver-a-pecuaria-na-amazonia-sem-desmatamento/>
80. Observatório do Clima: <https://www.oc.eco.br/en/emissoes-do-brasil-tem-maior-alta-em-19-anos/>
81. FAO, The share of agri-food systems in total greenhouse gas emissions (2021): <https://www.fao.org/3/cb7514en/cb7514en.pdf>
82. FAO, Cutting livestock methane emissions for stronger climate

- action (2022): <https://www.fao.org/in-action/enteric-methane/news-and-events/news-detail/cutting-livestock-methane-emissions-for-stronger-climate-action/en>
83. The Breakthrough Institute, https://www.datawrapper.de/_/VMdRe/, com base em Xu et al. (2021), Global greenhouse gas emissions from animal-based foods are twice those of plant-based foods, e FAO https://foodandagricultureorganization.shinyapps.io/GLEAMV3_Public/ ou simplesmente <https://www.vox.com/future-perfect/23738600/un-fao-meat-dairy-livestock-emissions-methane-climate-change>
 84. Observatório do Clima, Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil (1970-2021) (2023): <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/03/SEEG-10-anos-v4.pdf>
 85. Dados do Ministério do Trabalho e Emprego sistematizados pela Repórter Brasil e a Comissão Pastoral da Terra (1995-2022): <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1VDkHXJtCQ-fUpEfiGNe7-xQ5Rx4bKdAX2c7uoQRlUQo/edit?usp=sharing>
 86. No Brasil, a definição legal de trabalho análogo à escravidão inclui trabalho forçado, além de “outras jornadas de trabalho tão intensas que possam causar danos físicos, condições degradantes e restrição de circulação por dívidas contraídas com empregados ou proprietários.” <https://www.conectas.org/en/noticias/how-brazilian-law-defines-labour-analogous-to-slavery/>
 87. Repórter Brasil. (2021). Trabalho escravo na indústria da carne. https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8_Trabalho-escravo-na-ind%C3%BAstria-da-carne.pdf
 88. Escravo Nem Pensar!. (2023). Falta de recursos prejudica fiscalização do trabalho. <https://escravonempensar.org.br/educar-b/37-falta-de-recursos-prejudica-fiscalizacao-do-trabalho/>
 89. Abiec 2023, p. 44.
 90. Portal do serviço de Inspeção do Trabalho, Radar SIT: <https://sit.trabalho.gov.br/radar/>
 91. European Commission. (2023). Green Deal: New law to fight global deforestation and forest degradation driven by EU. https://environment.ec.europa.eu/news/green-deal-new-law-fight-global-deforestation-and-forest-degradation-driven-eu-production-and-2023-06-29_en
 92. Plena Mata, TAC da Carne no Pará: <https://plenamata.eco/verbete/tac-da-carne-no-para/>
 93. Ministry of Human Rights and Citizenship. Cadastro de Empregadores - “Lista Suja”. Ref: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/combate-ao-trabalho-escravo/cadastro-de-empregadores-20iclista-suja20id>
 94. Repórter Brasil, Gado criado ilegalmente em terra indígena no Pará abastece JBS e Frigol (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/09/gado-criado-ilegalmente-em-terra-indigena-no-para-abastece-jbs-e-frigol/>
 95. Repórter Brasil, O ‘boi pirata’ criado em terra indígena e a conexão com os frigoríficos Marfrig, Frigol e Mercúrio (2020): <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/boi-pirata-criado-em-terra-indigena-e-a-conexao-com-frigorificos-marfrig-frigol-mercurio/>
 96. Repórter Brasil, Como a Morgan Stanley está ligada ao desmatamento na Amazônia (2020): <https://reporterbrasil.org.br/2020/09/como-a-morgan-stanley-esta-ligada-ao-desmatamento-na-amazonia/>
 97. Repórter Brasil, Trabalho escravo na indústria da carne (2021): https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Monitor-8_Trabalho-escravo-na-industria-da-carne.pdf
 98. Todas as citações feitas no texto sem identificação formal são provenientes de nossas entrevistas com trabalhadores e outras partes interessadas.
 99. Abiec, Beef Report 2023, <https://www.abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2023-capitulo-05/>
 100. Ministry of Labor and Employment. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). <http://www.rais.gov.br/sitio/tabelas.jsf>
 101. Abiec, Beef Report (2023) <https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Final-Beef-Report-2023-Cap04.pdf>
 102. Ministério da Previdência Social, Quantidade de acidentados do trabalho, por situação do registro e motivo, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), no Brasil – 2019/2021 https://www.gov.br/previdencia/pt-br/assuntos/previdencia-social/saude-e-seguranca-do-trabalhador/acidente_trabalho_incapacidade/arquivos/copy_of_AEAT_2021/secao-i-estatisticas-de-acidentes-do-trabalho/subsecao-a-acidentes-do-trabalho/capitulo-1-brasil-e-grandes-regioes/1-1-quantidade-de-acidentes-do-trabalho-por-situacao-do-registro-e-motivo-segundo-a-classificacao-nacional-de-atividades-economicas-cnae-no-brasil-2018-2019
 103. Esta categoria inclui não apenas o abate de bovinos, mas também o de outros animais. Também está incluído o processamento geral de produtos de carne e peixe.
 104. Ministério do Trabalho (2021): <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/seguranca-e-saude-no-trabalho/relatorios-air/relatorio-air-nr-36.pdf>
 105. Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, Ministério Público do Trabalho, <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=perfilCasosAcidentes>
 106. Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, Ministério Público do Trabalho, <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=perfilCasosAcidentes>
 107. Presidency of the Republic, Civil House, Sub-chief for Legal Affairs. Lei nº 5.890, de 8 de junho de 1973. https://conselho.saude.gov.br/web_confmundial/docs/L5890.htm
 108. UOL. (2022). Auxílio-doença do INSS: Como dar entrada? Quem tem direito? <https://economia.uol.com.br/guia-de-economia/auxilio-doenca-do-inss-como-pedir-e-quem-tem-direito.htm>
 109. Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, Despesa Previdenciária – Auxílio-doença por acidente do trabalho: <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=despesa>
 110. Ministério Público de Trabalho, Justiça suspende revisão da NR 36 (2022): <https://www.pt24.mpt.mp.br/2-uncategorized/1526-justica-suspende-revisao-da-nr-36>
 111. A NR diz que “36.2.10.1.1 As câmaras frias cuja temperatura for igual ou inferior a -18° C devem possuir indicação do tempo máximo de permanência no local.” <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/comissao-tripartite-partitaria-permanente/arquivos/normas-regulamentadoras/nr-36-atualizada-2022.pdf>
 112. UOL, Por que no frio sai fumaça pela boca e como reconhecer e evitar hipotermia (2022): <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/05/18/por-que-no-frio-sai-fumaca-pela-boca-e-como-reconhecer-e-evitar-hipotermia.htm>
 113. Marfrig declaração, <https://reporterbrasil.org.br/2024/04/esclarecimentos-sobre-condicoes-de-trabalho-em-frigorificos-brasil/>
 114. Laudo Pericial Complementar nº 40768.2022 Segurança e Medicina do Trabalho, <https://drive.google.com/file/d/1ckwyri-FUOE69wJ02kTnfK9tknDy18h/view>
 115. Ministério Público da União Ministério Público Do Trabalho Procuradoria Regional do Trabalho da 9a Região, Relatório. <https://drive.google.com/file/d/15pW0dcQ83s3XQd8alQeDBaSOVNuJHe2e/view>
 116. Governo Federal, Conselho de Recursos da Previdência Social – CRPS: <https://www.gov.br/previdencia/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/conselho-de-recursos-da-previdencia-social>
 117. Ministério da Saúde, Perda Auditiva Induzida por Ruído (2006): https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_perda_auditiva.pdf
 118. Quimitec, Ficha de informações de segurança de produto químico – Amônia (2016): <http://www.quimitec.com.br/fispq/FISPQ%20AMONIA%20ANIDRA%20-%20QUIMITEC.pdf>
 119. Brasil de Fato, JBS mantém trabalhadores expostos ao risco de intoxicação por amônia; relembre casos (2020): <https://www.brasildefato.com.br/2020/11/24/jbs-mantem-trabalhadores-expostos-ao-risco-de-intoxicacao-por-amonia-relembre-casos>

120. Expressão Rondônia, Vazamento de amônia no frigorífico da JBS em Pimenta Bueno pode resultar em indenização de \$28 milhões por dano moral coletivo (2021): <https://expressaorondonia.com.br/mp-ingressa-com-acao-civil-publica-com-pedido-de-indenizacao-por-dano-moral-coletivo-contra-o-frigorifico-jbs-em-pimenta-bueno/>
121. Quimitec, Ficha de informações de segurança de produto químico – Amônia (2016): <http://www.quimitec.com.br/fispq/FISPQ%20AMONIA%20ANIDRA%20-%20QUIMITEC.pdf>
122. Repórter Brasil, Dados do INSS apontam possível relação entre problemas na gravidez e trabalho em frigoríficos (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/07/dados-do-inss-apon-tam-possivel-relacao-entre-problemas-na-gravidez-e-trabalho-em-frigorificos/>
123. Repórter Brasil, Dados do INSS apontam possível relação entre problemas na gravidez e trabalho em frigoríficos (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/07/dados-do-inss-apon-tam-possivel-relacao-entre-problemas-na-gravidez-e-trabalho-em-frigorificos/>
124. Repórter Brasil, Dados do INSS apontam possível relação entre problemas na gravidez e trabalho em frigoríficos (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/07/dados-do-inss-apon-tam-possivel-relacao-entre-problemas-na-gravidez-e-trabalho-em-frigorificos/>
125. Repórter Brasil, Dos frigoríficos às plantações de cana: como o agronegócio expôs indígenas à covid-19 (2020): <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/dos-frigorificos-as-plantacoes-de-cana-como-o-agronegocio-expos-indigenas-a-covid-19/>
126. Cimi, Covid-19 chega aos Avá-Guarani da TI Oco'y tendo frigorífico como vetor; barreira sanitária é atacada (2020): <https://cimi.org.br/2020/06/covid-19-chega-aos-ava-guarani-da-ti-ocoy-tendo-frigorifico-como-vetor-barreira-sanitaria-e-atacada/>
127. Brasil de Fato, Especial | Mortes, sequelas e trabalho exaustivo: o rastro da covid-19 em grandes frigoríficos (2021): <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/15/especial-mortes-sequelas-e-trabalho-exaustivo-o-rastro-da-covid-19-em-grandes-frigorificos>
128. G1, JBS é condenada por irregularidades no combate à Covid-19 em frigorífico de São Miguel do Guaporé, RO (2021): <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/03/19/frigorifico-em-sao-miguel-do-guapore-ro-e-condenado-por-irregularidades-no-combate-a-covid-19.ghtml>
129. Globo Rural, JBS é primeiro grande frigorífico condenado por falta de controle da Covid-19 (2021): <https://globo.com/Noticias/Criacao/noticia/2021/04/jbs-e-primeiro-grande-frigorifico-condenado-por-falta-de-controle-da-covid-19.html>
130. OMS: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>
131. O Eco, Frigoríficos, desmatamento e Amazônia: o próximo coronavírus pode nascer no Brasil (2020): <https://oeco.org.br/reportagens/frigorificos-desmatamento-e-amazonia-o-proximo-coronavirus-pode-nascer-no-brasil/>
132. Governo Federal, Registrar Comunicação de Acidente de Trabalho – CAT. <https://www.gov.br/pt-br/servicos/registrar-comunicacao-de-acidente-de-trabalho-cat>
133. Conjur, Empresa tem de emitir CAT mesmo em caso de suspeita de LER (2008): https://www.conjur.com.br/2008-mar-17/empresa-emitir_cat_suspeita_ler/
134. Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho – Estimativa de Subnotificação de Acidentes de Trabalho (CAT): <https://smartlabbr.org/sst/localidade/0?dimensao=frequenciaAcidentes>
135. Seminário sobre Trabalho Digno em Frigoríficos, celebrando o 10º aniversário da Norma Regulamentadora no 36. 19 e 20 de abril de 2023, Brasília, <https://escola.mpu.mp.br/a-escola/comunicacao/noticias/seminario-homenagem-aos-10-anos-da-norma-regulamentadora-36>
136. Ministério do Trabalho e da Previdência Social, Análise de Impacto Regulatório – NR-36 – segurança e saúde no trabalho em empresas de abate e processamento de carnes e derivados (2021): <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/air/reatorios-de-air-2/seprt/strab/sit/reatorio-air-nr-36.pdf>
137. Brasil de Fato: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/em-presarios-tentam-afrouxar-norma-de-2013-que-protege-trabalhadores-de-frigorificos>
138. Correio Braziliense, Artigo: Da escravidão aos frigoríficos (2022): <https://www.correiobraziliense.com.br/opinia-o/2022/10/5042344-artigo-da-escravidao-aos-frigorificos.html>
139. Le Monde Diplomatique Brasil, Por que tantos acidentes de trabalho, adoecimentos e mortes em frigoríficos? (2021): <https://diplomatique.org.br/por-que-tantos-acidentes-de-trabalho-adoecimentos-e-mortes-em-frigorificos/>
140. UOL, Primeira MP de Bolsonaro extingue Ministério do Trabalho e é alvo de ação (2019): <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/01/02/primeira-mp-de-bolsonaro-extingue-ministerio-do-trabalho-e-e-alvo-de-acao-no-stf.htm>
141. Ministério Público do Trabalho, Justiça suspende revisão da NR 36 (2022): <https://www.prt24.mpt.mp.br/2-uncategorised/1526-justica-suspende-revisao-da-nr-36>
142. Consolidação das leis do trabalho – CLT e normas correlatas. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 189 p. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/ct_e_normas_correlatas_led.pdf
143. Repórter Brasil, Dados do INSS apontam possível relação entre problemas na gravidez e trabalho em frigoríficos (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/07/dados-do-inss-apon-tam-possivel-relacao-entre-problemas-na-gravidez-e-trabalho-em-frigorificos/>
144. Agência Senado. (2023). CAE aprova nova regra para aposentadoria especial por periculosidade. Ref: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/05/02/cae-aprova-nova-regra-para-aposentadoria-especial-por-periculosidade>
145. Ministério Público do Trabalho Mato Grosso. (2015). Justiça do Trabalho condena frigorífico em 500 mil por exigir horas extras em locais insalubres. <https://www.prt23.mpt.mp.br/informe-se/noticias-do-mpt-mt/528-justica-do-trabalho-condena-frigorifico-em-500-mil-por-exigir-horas-extras-em-locais-insalubres>
146. Ministério Público do Trabalho, Liminar proíbe JBS de exigir horas extras em locais insalubres (2015): <https://www.prt23.mpt.mp.br/522-liminar-proibe-jbs-de-exigir-horas-extras-dos-em-pregados-que-trabalham-em-locais-insalubres>
147. Ministério Público do Trabalho, Justiça do Trabalho condena frigorífico em 500 mil por exigir horas extras em locais insalubres (2015): <https://www.prt23.mpt.mp.br/informe-se/noticias-do-mpt-mt/528-justica-do-trabalho-condena-frigorifico-em-500-mil-por-exigir-horas-extras-em-locais-insalubres>
148. Justiça do Trabalho, Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região. (2023). Ação Civil Pública Cível 0000199-25.2023.5.14.0091. <https://drive.google.com/file/d/1cGZUFqD-3P4EAUGWRF-ODFTOVc-nR-Jxq/view?usp=sharing>
149. Justiça do Trabalho, <https://drive.google.com/file/d/1rAfK-Sw8-EBREI0IPBYgzLmKxZn-Pul/view?usp=sharing>
150. Justiça do Trabalho, <https://drive.google.com/file/d/1IWF8cIW-Weoe3rDdGnVZpgpZ2h7mdCASG/view?usp=sharing>
151. Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região. Ação Civil Pública Cível 0000199-25.2023.5.14.0091, https://drive.google.com/file/d/1Mm_MaaWNp8AM6Oiqmx8BjyGhnj9tkwRq/view?usp=sharing
152. Metade dessas pessoas eram ex-empregados de uma época em que o salário mínimo era inferior ao atual.
153. Central Única dos Trabalhadores (CUT), "DIEESE: Salário mínimo necessário, em abril de 2023, deveria ter sido R\$ 6.676,11", 5 de maio de 2023, acessado em 5 de setembro: <https://sp.cut.org.br/noticias/diesse-salario-minimo-necessario-em-abril-de-2023-deveria-ter-sido-r-6-676-11-2a7>
154. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9203-pesquisas-trimestrais-do-abate-de-animais.html?lang=pt-BR>

155. Dados obtidos por meio de uma solicitação baseada na Lei de Acesso à Informação: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1NUjp051QyMq0zOJl7jGmQeWJoWHAHY7d/edit?usp=sharing&oid=108571954101992895589&rtopf=true&sd=true>
156. GI, JBS é condenada por irregularidades no combate à Covid-19 em frigorífico de São Miguel do Guaporé, RO (2021): <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/03/19/frigorifico-em-sao-miguel-do-guapore-ro-e-condenado-por-irregularidades-no-combate-a-covid-19.ghtml>
157. GI, Ministério da Justiça investigará JBS por vazamento de amônia em Rondônia (2021): <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/04/ministerio-da-justica-investiga-ra-jbs-por-vazamento-de-amonia-em-rondonia.ghtml>
158. Diário da Amazônia, São Miguel do Guaporé: Greve dos trabalhadores da JBS Friboi já dura 20 dias (2014): <https://www.diariodaamazonia.com.br/greve-dos-trabalhadores-da-jbs-friboi-ja-dura-20-dias/>
159. Justiça do Trabalho Tribunal Regional do Trabalho da 14ª Região. Ação Civil Pública 0001243-97.2010.5.14.0006. <https://drive.google.com/file/d/1oUwsW9m1PkhKYKAC4Gqo310ci6K-tQfG2/view?usp=sharing>
160. GI, Rondônia é o 2º estado da Amazônia Legal que mais perdeu áreas protegidas nos últimos anos, diz Ipam (2022): <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2022/02/08/rondonia-e-o-2o-estado-da-amazonia-legal-que-mais-perdeu-areas-protegidas-nos-ultimos-anos-diz-ipam.ghtml>
161. Center for Climate Crime Analysis, Caso Casino – Ligação entre o abastecimento de carne do grupo Casino, desmatamento e violações de direitos dos povos que habitam a terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau na Amazônia Brasileira (2022): <https://climatecrimeanalysis.org/wp-content/uploads/2022/08/CCCA-CasinoCase-Portuguese.pdf>
162. Mighty Earth, Carrefour nos engana (2022): https://www.mightyearth.org/wp-content/uploads/2022/10/27_Carrefour_Nouse_Enfume_PT.pdf
163. Center for Climate Crime Analysis, Caso Casino – Ligação entre o abastecimento de carne do grupo Casino, desmatamento e violações de direitos dos povos que habitam a terra indígena Uru-Eu-Wau-Wau na Amazônia Brasileira (2022): <https://infoamazonia.org/2023/06/29/grupo-casino-continua-vendendo-carne-proveniente-da-terra-indigena-uru-eu-wau-wau-apesar-de-processo-judicial-na-franca/>
164. Repórter Brasil, Carrefour distribui em todo o país carne de regiões desmatadas na Amazônia (2023): <https://reporterbrasil.org.br/2023/02/carrefour-distribui-em-todo-o-pais-carne-de-regioes-desmatadas-na-amazonia/>
165. Repórter Brasil, JBS admite ter comprado quase 9 mil bois ilegais do 'maior desmatador do país' (2022): <https://reporterbrasil.org.br/2022/11/jbs-admite-ter-comprado-quase-9-mil-bois-ilegais-do-maior-desmatador-do-pais/>
166. A autorização para a exportação de produtos é dada por unidade. Valor Investe, Entre reabertura da China e ameaça de mais juros, frigoríficos fecham em direções opostas (2023): <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2023/03/23/apenas-dois-frigorificos-se-beneficiam-de-noticia-sobre-reabertura-de-mercado-chines.ghtml>
167. GI, JBS é condenada por irregularidades no combate à Covid-19 em frigorífico de São Miguel do Guaporé, RO (2021): <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/03/19/frigorifico-em-sao-miguel-do-guapore-ro-e-condenado-por-irregularidades-no-combate-a-covid-19.ghtml>
168. Globo Rural, JBS é primeiro grande frigorífico condenado por falta de controle da Covid-19 (2021): <https://globo.rural.globo.com/Noticias/Criacao/noticia/2021/04/jbs-e-primeiro-grande-frigorifico-condenado-por-falta-de-controle-da-covid-19.html>
169. GI, Ministério da Justiça investigará JBS por vazamento de amônia em Rondônia (2021): <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/04/ministerio-da-justica-investiga-ra-jbs-por-vazamento-de-amonia-em-rondonia.ghtml>
170. Expressão Rondônia, Vazamento de amônia no frigorífico da JBS em Pimenta Bueno pode resultar em indenização de \$28 milhões por dano moral coletivo (2021): <https://expressaorondonia.com.br/mp-ingressa-com-acao-civil-publica-com-pe-dido-de-indenizacao-por-dano-moral-coletivo-contra-o-frigorifico-jbs-em-pimenta-bueno/>
171. Reinaldo Azambuja (Youtube), Maior fábrica de hambúrguer do mundo está no MS | Reinaldo Azambuja (2022): https://www.youtube.com/watch?v=P-ZHoVVKU_g
172. Marfrig, Nossa História: <https://www.marfrig.com.br/pt/nossa-historia>
173. A unidade de abate e desossa são uma só fábrica que também fornece à unidade de hambúrgueres. A Minerva anunciou a compra do frigorífico, enquanto a unidade de hambúrgueres continua com a Marfrig: <https://www.poder360.com.br/agronegocio/minerva-compra-frigorificos-da-marfrig-por-r-75-bilhoes/>
174. Ao contrário da JBS, as entrevistas da Marfrig estão agrupadas devido ao número relativamente baixo de entrevistados na fábrica de hambúrgueres inaugurada recentemente.
175. Marfrig, Certificações: <https://www.marfrig.com.br/pt/certificacoes>
176. Ministério Público do Trabalho Procuradoria Regional do Trabalho da 24ª Região/MS. (2022). Laudo Pericial Complementar nº 40768.2022, <https://drive.google.com/file/d/1ckwyrIFUOE69w-JO2kTnfK9tlkdnDy18h/view?usp=sharing>
177. Ministério Público do Trabalho (2022). <https://drive.google.com/file/d/1ckwyrIFUOE69w-JO2kTnfK9tlkdnDy18h/view?usp=sharing>
178. <https://drive.google.com/file/d/15pW0dcQ83s3XQd8alQeDBaSOVNuJHe2e/view?usp=sharing>
179. Campo Grande News. (2020). Frigorífico de Bataguassu firma acordo para manter saúde de 1.300 trabalhadores. <https://www.campograndenews.com.br/economia/frigorifico-de-bataguassu-firma-acordo-para-manter-saude-de-1-300-trabalhadores>; Campo Grande News. (2020). Testagem em frigorífico duplica casos confirmados de Covid em Bataguassu. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/testagem-em-frigorifico-duplica-casos-confirmados-de-covid-em-bataguassu>.
180. Ministério do Trabalho e da Previdência Social, Norma Regulamentadora 36 (NR-36): <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/conselhos-e-orgaos-colegiados/ctpp/normas-regulamentadoras/normas-regulamentadoras-vigentes/norma-regulamentadora-no-36>
181. Higiene Alimentar. (2017). Uso de ácido lático e seu sal sódico em carnes e derivados: uma revisão. <https://docs.bvsalud.org/bibliore/2017/05/833327/266-267-site-66-72.pdf>
182. ONU, OIT adiciona segurança e saúde aos direitos fundamentais no trabalho (2022): <https://brasil.un.org/pt-br/186004-oit-adiciona-seguranca-e-saude-aos-direitos-fundamentais-no-trabalho>
183. White & Case. (2023). Mercosur and European Union Struggle to Finalize FTA Negotiations. <https://www.whitecase.com/insight-alert/mercosur-trade-alert>
184. Migrant Rights Centre Ireland https://www.mrci.ie/app/uploads/2020/11/Report_Working-to-the-bone_final.pdf
185. As diferenças na classificação de acidentes fatais na UE e no Brasil também podem influenciar os índices de incidência informados, mas não tentamos analisá-las em mais detalhe.
186. Wikipedia. Ginástica laboral. Ref https://pt.wikipedia.org/wiki/Gin%C3%A1stica_laboral
187. Ver seção 4.11, e.g. Ministério Público do Trabalho, Liminar proíbe JBS de exigir horas extras em locais insalubres (2015): <https://www.prt23.mpt.mp.br/522-liminar-proibe-jbs-de-exigir-horas-extras-dos-empregados-que-trabalham-em-locais-insalubres>
188. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Portaria /MGI Nº 2.453, DE 16 de Junho de 2023. https://dghl-5j42swfq.cloudfront.net/2023/06/16220437/portaria_mgi-no-2-453-de-16-de-junho-de-2023-portaria_mgi-no-21-1.pdf

Expediente

Fábricas de acidentes

Condições de trabalho insalubres e inseguras nos frigoríficos brasileiros

Julho 2024

Autores Sanne van der Wal (SOMO), Isabel Harari, France Júnior Plácido, Naira Hofmeister and André Campos (Pesquisa Brasil)

Design Karen Paalman

SOMO investiga multinacionais. Independente, factual, crítico e com um objetivo claro: um mundo justo e sustentável sustentável, no qual os interesses públicos superem os interesses corporativos. corporativos. Realizamos pesquisas orientadas para a ação para expor o impacto e o poder sem precedentes das multinacionais e mostrar as estruturas subjacentes que as possibilitam. Cooperando com centenas de organizações em todo o mundo, garantimos que nossas informações cheguem onde causam mais impacto: das comunidades e dos tribunais às organizações da sociedade civil organizações da sociedade civil, mídia e políticos.

SOMO

The Centre for Research on Multinational Corporations

KNSM-Iaan 17

1019 LA Amsterdam

The Netherlands

Tel: + 31 (20) 6391291

Email: info@somo.nl

Website: www.somo.nl

Parceiros

Pesquisa Brasil O Programa de Pesquisa da Repórter Brasil produz dados e análises inéditas a partir de metodologias inovadoras desenvolvidas pela própria equipe do programa. O trabalho envolve técnicas de pesquisa social e socioeconômica, aliadas às mais modernas abordagens de jornalismo investigativo, jornalismo de dados e tecnologia da informação. Nossos profissionais desenvolveram e mantêm atualizados uma série de plataformas online que reúnem informações públicas e permitem o instantâneo cruzamento de dados. São elas a Rota do Gado, RB Monitor, RB Index e Moda Livre.

Rua Amália de Noronha, 151, 6º andar –
conjuntos 605 e 606,

Pinheiros, CEP 05410-010, São Paulo (SP)

Tel: + 11 2506-6570, 2506-6562, 2506-6576 e
2506-6574

Website: <https://reporterbrasil.org.br/pesquisa>